UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE

WILLIANE DE FÁTIMA VIEIRA BATISTA

CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE UMA COMUNIDADE RURAL MARANHENSE

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
JUNHO DE 2018

WILLIANE DE FÁTIMA VIEIRA BATISTA

CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE UMA COMUNIDADE RURAL MARANHENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Discursos e Narrativas.

Orientadora: Profa. Dra. Luci Mara Bertoni.

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
JUNHO DE 2018

Batista, Williane de Fátima Vieira.

B326c Consumo de bebidas alcoólicas: memórias e representações sociais de adolescentes de uma comunidade rural maranhense. / Williane de Fátima Vieira Batista – Vitória da Conquista, 2018.
98 f.

Orientadora: Luci Mara Bertoni.
Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

Inclui referência F. 86 - 93.

1. Consumo Bebida Alcóolica - Adolescentes Meio Rural. 2. Representações Sociais. 3. Memória coletiva. I. Batista, Williane de Fátima Vieira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 362.290981

Catalogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus de Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Consumption of alcoholic beverages: memories and social representations of adolescents from a rural community in Maranhão.

Palavras-chaves em inglês: Adolescents. Rural community. Alcoholic beverage consumption. Collective memory. Social representations.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Profa. Dra. Luci Mara Bertoni (presidente), Profa. Dra. Sônia de Souza Mendonça Menezes (titular), Profa. Dra. Ângela Viana Machado Fernandes (titular).

Data da Defesa: 13 de junho de 2018.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

WILLIANE DE FÁTIMA VIEIRA BATISTA

CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DE UMA COMUNIDADE RURAL MARANHENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: 13 de junho de 2018.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Luci Mara Bertoni (Presidente) Ass.:
Instituição: UESB

Profa. Dra. Ângela Viana Machado Fernandes Ass.:
Instituição: UESB

Profa. Dra. Sônia de Souza Mendonça Menezes Ass.:
Instituição: UFS

Ao meu pai, Raimundo Nonato Batista (*in memorian*), vítima da violência e do abuso da bebida alcoólica em um dia qualquer, em uma noite qualquer, durante uma festa no espaço rural.

AGRADECIMENTOS

Gratidão seria a palavra um pouco mais plausível para esta seção porque sou grata a cada pessoa, a cada instante e momentos, os quais foram se construindo para enfim termos a chegada deste dia.

Mal inicio esta escrita e tão logo os olhos se enchem de lágrimas. Lembro-me bem o quanto pedi em oração a Deus para dar prosseguimento aos meus estudos, o quanto pedi para ser aprovada no Instituto Federal do Maranhão, o que causou, posteriormente, a possibilidade de pleitear a vaga durante a seleção do Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade, na UESB. Então, é inevitável não iniciar por Deus, o semeador, a minha pública gratidão porque permitiu a caminhada e garantiu a minha chegada nesta etapa.

Dias após a aprovação, fui ao computador para conhecer o rosto daquela que iria me orientar nos anos seguintes de estudos que eu teria. Ao conhecer a Professora Luci Mara Bertoni, neste primeiro momento por foto, foi aquela impressão de que tudo ficaria bem. Ao conhecê-la pessoalmente e passar pelas etapas da orientação, posso concluir que ao final, graças a ela, tudo realmente ficou bem. Em meio a caminhada, quantas vezes não tive crises de choro e lhe escrevia para falar do texto, sendo o que queria mesmo era o apoio e que, ao falar com ela, era o que sempre acontecia. Assim o desespero se dissipava. Peço ao pai celestial que possa retribui-la em graças durante toda a sua vida por tudo que fez por mim.

À minha queria mãe, Maria Rosa Vieira Batista, por acreditar que Deus faz milagres em minha vida cotidianamente e pelo apoio incondicional diante dos meus estudos. Obrigada pelo convívio com minhas filhas nos períodos em que estive ausente da cidade para estudar. Eu vi tudo, cada gesto de delicadeza em dirigir a mim suas palavras para que eu não me preocupasse com nada.

Ao meu esposo, Carlos André Souza dos Santos, que estudou comigo; discutiu os diferentes textos; cuidou da família na minha presença e ausência, o que possibilitou a realização deste sonho. Como costumamos dizer aos outros: o mestrado passou a ser um projeto familiar.

Às amigas de toda uma vida, Ana Neuza da Conceição do Vale, que cuidou com um olhar de mãe das minhas filhas, com a preocupação de diariamente ir a

minha casa só para ver se estava tudo bem. Saiba que isso ajudou-me a concentrar-me nos objetivos em terras baianas. E Fabiana Chaves Oliveira, que carreguei em

meu coração durante os dois anos deste curso, porque este sonho não era somente meu e ir sem minha velha companheira de estudos foi difícil demais. Você apoiou-me incondicionalmente e orou por mim. Assim, ao agradecê-las, estendo-me a cada amigo porque sei que do Club Lulu: Ana Paula, Nathália, Valmilúcia, Jordana, Simone e Fabrícia, dos amigos do trabalho, de modo especial, Jucilane Carlos, Isa Prazeres, Maron Stanley, Carlos Lira, Cláudia Mendes e Layanne Passos, que também é minha companheira de curso e amiga de todas as horas nesta jornada, ao amigo Francisco Vale Lima por tantas explicações de como melhor discorrer os textos, aos companheiros da turma do Minter pelo apoio, aos vizinhos da minha casa que torceram e ajudaram-me nesta caminhada, a minha gratidão.

Aos colegas do mestrado, especialmente, Janderson Carneiro de Oliveira, Vitor Melo e Andressa Mendes, pela acolhida e os inúmeros momentos de ajuda. Sou grata.

Às minhas filhas, Paula Sofia Vieira Santos e Paula Safira Vieira Santos que se tornaram motivos para eu seguir adiante. Descrevo aqui, para que leiam num futuro próximo, que sempre estiveram presentes nos meus momentos de estudos, com cenas em que minhas canetas sumiam e que sempre as achava próxima à parede de nossa cozinha, onde nela foram feitas várias linhas do trem e outros desenhos abstratos para a mamãe e o papai ficarem felizes, como nos diz Sofia. De achar meus livros rabiscados de umas letras ainda em formação quando os abria bem longe de casa. A vocês deixo a lição da perseverança e meu muito obrigada.

Ao Instituto Federal de Educação do Maranhão que nos possibilitou a realização desta etapa por meio da busca dos parceiros ideais e apoio financeiro.

Às professoras doutoras Sônia Mendonça de Souza Menezes e Ângela Viana Machado Fernandes que fizeram parte da Banca de Qualificação e de Defesa desta dissertação, as quais contribuíram com zelo, conhecimento e sabedoria com cada etapa desta pesquisa.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, seu corpo docente, direção, administração, por ser parceira do Instituto Federal do Maranhão com a promoção de um curso com tamanha excelência.

RESUMO

O consumo excessivo do álcool vem produzindo consequências em toda sociedade, sendo considerado um problema de saúde pública. No meio rural, os sujeitos parecem estar em situação mais grave, porque há uma falta de políticas públicas nessas localidades. Como consequência, os adolescentes, participantes desta pesquisa, passam invisíveis nas estatísticas e campanhas de prevenção ao consumo de bebidas alcoólicas. No Estado do Maranhão, em especial nas comunidades rurais do Médio Mearim, este consumo tornou-se comum entre os adolescentes em idade escolar. No espaço rural pesquisado, o qual foi denominado aqui de comunidade Rio para preservar sua identidade, essa prática já gerou problemas como a evasão escolar e a violência, tanto no interior da escola como fora dela. É neste cenário que as experiências vividas tornam-se relevantes para compreendermos os sentidos que as bebidas alcoólicas têm para os sujeitos, salientando os elementos históricos que contribuem para a construção de suas representações sociais. Portanto, nossa pesquisa teve como objetivo analisar a memória e as representações sociais dos adolescentes do meio rural sobre o consumo de bebidas alcoólicas, de modo específico, identificar a memória e as representações sociais partilhadas entre os adolescentes sobre a bebida alcoólica e identificar as possíveis influências dos grupos sociais acerca de seu consumo entre estes adolescentes, considerando a escola como espaço de experiências grupais, sociais e culturais partilhadas entre si. Como procedimento de coleta de dados, foi feito um trabalho de campo com 22 estudantes, com idade entre 12 a 14 anos. Como instrumentos, foram utilizados um questionário sociodemográfico, além de questões relacionadas ao consumo do álcool, assim como, para maiores informações recorremos à zona muda das representações com a técnica da substituição em busca de uma representação ainda não verbalizada pelos adolescentes pesquisados, como também registros feitos através de um Diário de Campo, de maneira que fossem complementares entre si. Por fim, a análise dos dados foi realizada com base no método da Análise de Conteúdo proposta por Bardin ([1977] 2006), apresentada sob a forma de duas categorias: memória e representações sociais sobre a bebida alcoólica, e a influência dos grupos sociais. Por meio desta pesquisa foi possível identificar a presença das bebidas alcoólicas

no cotidiano dos sujeitos pesquisados, seja por suas práticas seja pelas práticas dos familiares, dos amigos ou pelos momentos festivos e de lazer que os adolescentes participam. Desse modo, concluímos que as representações sociais dos adolescentes sobre o consumo das bebidas alcoólicas é tido como algo natural em seu cotidiano. E que, em meio às suas falas, a memória construída por estes adolescentes guardam impressões que se reproduzem exatamente como a ideia que possuem sobre o produto. Diante disso, apontamos a necessidade da promoção de uma política educativa processual, que leve em consideração as menores faixas etárias, para que haja a possibilidade destes escolares realizarem uma escolha diante dos convites ao consumo de bebidas alcoólicas, na medida em que conhecerão os riscos deste consumo e todas as suas implicações.

Palavras-chave: Adolescentes. Comunidade rural. Consumo de bebidas alcoólicas. Memória coletiva. Representações sociais.

ABSTRACT

The excessive alcohol consumption has been producing consequences in the whole society, so it is considered a public health issue. In the countryside, the subjects seem to be in a dramatic situation, because there is a lack of public policies in these places. As a consequence, the adolescents, participants of this research, go invisible on statistics and campaigns of prevention to the consumption of alcoholic beverages. In Maranhão, especially at the Médio Mearim rural communities, this consumption became familiar between the adolescents in school age. At the researched countryside, where is named Rio community, in order to preserve its identity, this practice has caused problems such as school dropout and violence, both inside and outside the school. In this context, the experiences become relevant to understand the senses that the alcoholic beverages represent to their subjects, pointing out the historical aspects which contribute to the construction of the social representations. Therefore, our research focused on analysing the memory and the social representations from adolescents of the countryside about alcoholic beverage consumption. Specifically, identify the memory and the social representations shared between the adolescents about alcoholic beverages and possible influences from social groups about their consumption between these adolescents, taking into account the school as a place of group, social and cultural experiences shared between itself. As a procedure of data collection, it was done a field work with 22 students, from 12 to 14 years old. Regarding tools, a sociodemographic questionnaire was used as well as questions related to the alcohol consumption and, for further information, we resort to the mute zone of the representations with the technique of replacement searching for a representation not verbalized yet by the adolescents researched, and also recordings done through a Fieldnote, in order to complement each other. At last, the data analysis was done based on the method of Content Analysis proposed by Bardin ([1977] 2006) presented in two categories: memory and social representations about alcoholic beverages and the influence of social groups. Through this research, it was possible to identify the presence of alcoholic beverages in the subjects' daily life, either by their practices or by practices of their relatives, friends, festive and leisure moments these adolescents participate. So, we conclude that the adolescents' social representations about the alcoholic

beverage consumption is seen as something natural in their daily lives. Besides, according to their statements, the built memmory by these adolescents keep impressions which are reproduced exactly the idea they have about the product. Thus, we emphasize the need of promotion of a procedural educational policy, taking into account the younger age groups in order to be a larger possibility these students make a better decision before the invitations to the alcoholic beverage consumption, according as they will know the risks of this comsumption and all its implications.

Keywords: Adolescents. Rural community. Alcoholic beverage consumption. Collective memory. Social representations.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Número de matrícula por turno em 2017.....55

TABELA 2 – Percentual de adolescentes pesquisados por sexo, idade, ano escolar, religião (2017) 56

TABELA 3 – O que os adolescentes dizem sobre as ocasiões em que as bebidas são consumidas.....62

TABELA 4 – Opinião sobre o álcool.....64

TABELA 5 – A escola e as informações sobre bebidas alcoólicas.....65

TABELA 6 – Experiência com bebidas alcoólicas.....66

TABELA 7 – Ocasiões em que a bebida é consumida.....68

TABELA 8 – Organização de festas sem bebida alcoólica.....70

TABELA 9 – Bebidas mais consumidas na presença dos adolescentes.....71

TABELA 10 – Sobre o bar defronte ao colégio.....75

TABELA 11 – As pessoas mais vistas pelos adolescentes consumindo bebidas alcoólicas.....79

TABELA 12 – Regularidade do consumo entre os pais.....80

LISTA DE ABREVIATURAS

ACS - Agente Comunitário de Saúde

ALUMAR - Consórcio de Alumínio do Maranhão S.A.

BDENF - Bases de Dados de Enfermagem

CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

IAB - Instituto Avante Brasil

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social

OMS - Organização Mundial de Saúde

PBDAC - Programa Brasileiro de Desenvolvimento da Aguardente de Cana, Caninha ou Cachaça

SCIELO - *Scientific Eletronic Library Online*

SEDES - Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social

SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas

TRS - Teoria das Representações Sociais

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....14

2. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A MEMÓRIA.....18
2.1. ASPECTOS TEÓRICOS DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....20
2.1.1. A construção das representações sociais.....23
2.2. A MEMÓRIA.....26
2.2.1. A memória em Bergson.....27
2.2.2. A memória em Maurice Halbwachs.....30
2.2.3. A relação entre memória coletiva e a Teoria das Representações Sociais.....32

3. BEBIDAS ALCOÓLICAS, ESPAÇO RURAL E ADOLESCÊNCIA.....34
3.1. O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS: PERCURSO HISTÓRICO.....38
3.2. ADOLESCENTES RURAIS E O CONSUMO DO ÁLCOOL.....42

4. CAMINHOS DA PESQUISA.....47
4.1. CAMPO DA PESQUISA.....50
4.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA.....56
4.3. TRABALHO DE CAMPO.....57
4.3.1. Síntese do método.....60

5. O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE ADOLESCENTES.....61
5.1. MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AS BEBIDAS ALCOÓLICAS.....61
5.1.1. Cotidiano.....62
5.2. INFLUÊNCIA DOS GRUPOS SOCIAIS.....78
5.2.1. Família e amigos.....79

6. CONCLUSÃO.....82
REFERÊNCIAS.....86
APÊNDICE.....94

1. INTRODUÇÃO

O consumo de bebidas alcoólicas na adolescência pode acarretar inúmeros problemas ligados à saúde, à educação escolar e ao contexto social. Isto ocorre porque seu consumo abusivo está cada vez mais precoce, em muitos casos, está associado a comportamentos de risco no que diz respeito ao sexo desprotegido, gravidez indesejada, como também evasão escolar ou seu baixo rendimento no contexto educativo. Devido a isto, os adolescentes, entram no rol de maior preocupação diante do consumo do álcool que já é considerado um problema de saúde pública. Contudo, os adolescentes dos espaços rurais parecem estar em situação mais grave, porque há uma falta de políticas públicas nessas localidades. Como consequência, os adolescentes passam invisíveis nas estatísticas e campanhas de prevenção ao consumo de bebidas alcoólicas.

Segundo Scholze et al (2015), podemos inferir que pouco ou nada sabemos sobre o consumo do álcool entre os adolescentes rurais. O autor concluiu que todas as políticas têm direcionado suas ações somente às populações urbanas. Assim, estamos diante de uma lacuna de informações sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre os sujeitos desta pesquisa, os adolescentes dos espaços rurais.

Face ao exposto, a justificativa pelo objeto de estudo desta pesquisa, deu-se no âmbito pessoal, por meio da experiência como Coordenadora Pedagógica dos anos finais, em uma escola de ensino fundamental em área rural dos anos de 2005 a 2012, sendo possível vivenciar a experiência de conviver com alunos que possuíam pouco interesse por palestras, projetos ou programas de combate ao consumo do álcool. Fato este que nos despertou para a necessidade de conhecermos e analisarmos o problema visando subsidiar a promoção do debate em torno de políticas educativas no espaço escolar da referida comunidade.

Assim como, justifica-se no âmbito acadêmico pela ausência de estudos que contemplem os adolescentes rurais e o consumo de bebidas alcoólicas. Em um levantamento realizado na base de dados do *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), empregando os descritores: memória, representações sociais, bebidas alcoólicas, adolescente rural, não foi encontrado nenhum estudo. Ao empregarmos: bebidas alcoólicas, adolescente rural, encontramos apenas 01 artigo, de Scholze et al (2015), intitulado: **Dados sobre o consumo de álcool entre a juventude rural: uma constatação de ausências,** que se aproximou do tema proposto, tão logo, foi

utilizado como referência em nossa pesquisa. Como também, pesquisamos na base de dados do Portal de Periódicos da Capes, nele encontramos 03 artigos com proximidade com o tema, direcionados aos adolescentes do espaço urbano, com exceção do mesmo artigo encontrado na base SciELO, o qual aproximava-se com nossa pesquisa, como dito anteriormente.

Nesta perspectiva, versamos sobre as memórias apresentadas pelos estudantes da comunidade, por meio de suas representações sobre as bebidas alcoólicas, considerando a escola como espaço de experiências grupais, sociais e culturais partilhadas entre si. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi analisar a memória e as representações socialmente construídas dos adolescentes rurais sobre o consumo de bebidas alcoólicas e de modo específico: identificar a memória e as representações sociais partilhadas entre os adolescentes sobre as bebidas alcoólicas e identificar as possíveis influências dos grupos sociais acerca do consumo de bebidas alcoólicas entre estes adolescentes.

Realizamos uma pesquisa qualitativa, baseada na Teoria das Representações Sociais de Moscovici ([2000] 2012) e da Memória Coletiva de Halbwachs ([1950] 2003), por serem essenciais para se compreender como a temática escolhida se constrói e se transforma no interior dos grupos sociais.

As representações sociais buscam, de acordo com Moscovici, elaborar conhecimentos, comportamentos e comunicação entre os indivíduos. Através do conhecimentos popular, as representações estão ligadas às normas, valores e regras sociais. Com isso, a Teoria das Representações Sociais busca as mais diversas representações sobre fenômenos específicos.

No campo da memória, os estudos somam-se ao campo das representações sociais porque é por meio das memórias comuns dos sujeitos pesquisados que compreendemos como os adolescentes constroem a ideia acerca das bebidas alcoólicas, levando em consideração elementos históricos e suas rememorações ao relatarem suas percepções sobre a prática do consumo.

Como procedimento de coleta de dados foi feito um trabalho de campo com 22 estudantes, com idade entre 12 a 14 anos. Como instrumentos foram utilizados um questionário sociodemográfico, realizamos entrevista com questões relacionadas ao consumo do álcool e recorremos às premissas da zona muda[1] das

[1] Sobre este conceito, trataremos mais adiante.

representações com a técnica da substituição em busca de uma representação ainda não verbalizada pelos adolescentes pesquisados, como também registros feitos em um Diário de Campo, de maneira que fossem complementares entre si.

Os dados foram analisados com base na Análise de Conteúdo proposta por Bardin ([1977] 2006), por se tratar de um conjunto de técnicas de análise das comunicações que descreve os conteúdos das mensagens por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, com a finalidade de interpretá-los.

No espaço rural escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa, a prática do consumo já gerou problemas como a evasão escolar e a violência, tanto no interior da escola como fora dela. Levando-nos a questionar sobre as memórias e as representações socialmente construídas destes adolescentes rurais sobre o consumo de bebidas alcoólicas. Uma de nossas hipóteses é o fato de que há representações positivas dos adolescentes diante do consumo do álcool, assim como um consumo tido como algo natural, sendo que tais representações buscam amparo em suas memórias coletivas.

Na segunda seção deste trabalho, apresentamos o referencial teórico que deu suporte ao estudo. Trazemos o aporte teórico sobre a Teoria das Representações Sociais – TRS e a Memória, descrevendo a construção das representações sociais, e de como a memória coletiva relaciona-se com a TRS.

Para Moscovici ([2000] 2012), as representações sociais têm a função de convencionalizar o que encontra, a partir de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. Desse modo, as representações sociais vêm com o propósito de transformar o não familiar em algo familiar. Para superar o não familiar, fazemos uso da memória, porque segundo autor, é pela soma de experiências e memórias comuns que extraímos significados, representações dos sujeitos, tal como apresentado aqui, no que diz respeito ao fenômeno estudado.

Na terceira seção discorremos sobre as bebidas alcoólicas, do seu percurso histórico à discussão sobre seu consumo entre os adolescentes no espaço rural.

O consumo de bebidas alcoólicas acompanha a humanidade a séculos, nos dias de hoje, o álcool continua fazendo parte dos brindes festivos, do comércio, e momentos de lazer. Em meio a essa realidade, os adolescentes não são exceção.

> Actualmente, constitui um grave problema de saúde pública, porque possui fortes tentáculos sobretudo nas camadas mais jovens, onde

> este se vai infiltrando cada vez mais, resultando em consequências para o indivíduo, família e sociedade (SANTOS, 2010, p. 22).

O consumo de bebidas alcoólicas, nos espaços rurais, ultrapassa gerações, tornando-se uma prática comum. Os adolescentes, de algum modo, estão sempre rodeados de incentivos, seja dos amigos, das diversas mídias ou pelos próprios familiares. É com estes sujeitos que buscamos as representações sociais do objeto aqui apresentado.

Os caminhos da pesquisa estão na quarta seção, estando organizada do seguinte modo: uma abordagem qualitativa por interpretar o sentido que as pessoas dão aos objetos, eventos ou fenômenos por meio de suas falas ou atitudes (CHIZZOTTI, 2006); a descrição e organização dos dados coletados em uma comunidade rural, situada na Mesorregião do Centro Maranhense e na Microrregião do Médio Mearim.

Na quinta seção, os dados analisados foram apresentados sob a forma de duas categorias: Memória e representações sociais sobre a bebida alcoólica, e Influência dos grupos sociais.

Na sexta e última seção, apontamos os resultados mais relevantes, ao destacarmos que as bebidas alcoólicas no espaço rural está enraizada na memória e transmitida no âmbito familiar, nas reduzidas atividades de lazer e, como nas demais comunidades rurais, verificamos que há uma naturalização do consumo. Também, evidenciamos as limitações do trabalho, sugerimos ações com os sujeitos sobre o fenômeno investigado, e levantamos novas possibilidades de estudos que surgem a partir desta pesquisa.

Neste contexto, é esperado com a realização desse estudo, propiciar aos profissionais de educação entre outras áreas, referências que permitam aprofundar e aperfeiçoar a investigação em nível de memória e representações sociais sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes rurais, ao servir de material de consulta aos acadêmicos, docentes e profissionais da área de educação e não só, tanto para aplicação em suas práticas como nas dificuldades que possam encontrar na sociedade quanto à implementação de políticas de enfrentamento ao consumo dessa substância.

2. A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A MEMÓRIA

A busca por tornar familiar o não familiar em nosso cotidiano, nos faz capaz de transformar algo que a princípio está na esfera particular para uma interpretação coletiva. Isso si dá à proporção que determinado objeto é comparado, reajustado e classificado por um determinado grupo social, surgindo assim representações sobre ele. Tudo isso acontece por meio da investigação do homem pelo conhecimento.

“Vários são os modos através dos quais o ser humano produz conhecimento”, afirma Santos (2005, p. 17), um deles é por meio do senso comum, que é o conhecimento popular, tendo em vista o sujeito, em seus diferentes convívios, dentre eles, o convívio com seus pares no trabalho, na família e nos mais diversos espaços. Assim, ele opina, busca explicações, dando significado aos objetos e fenômenos sociais, criando teorias. São essas explicações dadas por meio do senso comum, que visam à busca pelo pertencimento ao grupo e à construção de sua identidade

É importante lembrarmos que a concepção de identidade sofre mudanças ao longo da história, segundo Stuart Hall ([1992] 2002), a primeira concepção, foi de uma identidade iluminista, que tinha uma ideia mais individualista do sujeito, pois baseava-se em um entendimento de indivíduo totalmente centrado, unificado. A segunda concepção diz respeito ao sujeito sociológico que constrói sua identidade na interação entre o indivíduo e a sociedade. E uma terceira concepção ligada ao sujeito pós-moderno que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, para Hall ([1992] 2002) o sujeito assume identidades distintas em diferentes momentos.

Para Souza (2014), a busca por uma identidade, em tempos de pós-modernidade, é o pano de fundo quando o sentimento de pertencimento se faz necessário. Para a autora, a identidade é um processo, uma construção da realidade dos sujeitos em cada lugar.

É nesta busca por identidade e pertencimento ao lugar e/ou a grupos sociais que essas teorias criadas pelo sujeito facilitam a comunicação e orientam condutas, o que nos leva aos estudos da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, ([2000] 2012), pois é um dos caminhos para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana. Assim, “[...] trata-se de estudar como o social se manifesta nas

representações que as pessoas elaboram em sua vida diária e a compartilham com os outros" (ALBA, 2014, p. 531).

Para Santos (2005), ao falar em representações sociais, com base na teoria moscoviciana, refere-se a um conhecimento científico, um modelo teórico que tem como objetivo explicar e compreender as teorias do senso comum. Essas teorias têm origem nas práticas sociais e diversidades grupais, com a finalidade de dar sentido à realidade social, orientar condutas e organizar as comunicações.

Porém, nem todos os conhecimentos construídos e partilhados podem ser chamados de representação social como nos explica Wagner (1998, p. 14):

> [...] um certo número de pessoas compartilhando uma opinião é uma condição necessária, mas não suficiente para que um sistema de conhecimento seja chamado de representação social, [...] eles precisam ser capazes de atribuir uma determinada representação ao próprio grupo, se eles a subscrevem.

Neste caso, "representações sociais referem-se apenas a objetos ou questões socialmente relevantes" para determinado grupo (WAGNER, 1998, p. 18). O autor comunga das ideias de Moscovici ([2000] 2012, p. 40), o qual descreve as representações sociais como "produto de nossas ações e comunicações [...] capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade". Para este autor, as representações sociais não são criadas por um indivíduo isoladamente, mas por pessoas e grupos no discurso da comunicação e da cooperação.

Neste aspecto, o estudo das representações sociais tem como objetivo compreender o ser humano enquanto ser ativo, pensante, que produz e comunica suas próprias representações e que busca soluções às questões por ele levantadas e não enquanto processa informação ou se comporta (MOSCOVICI, [2000] 2012).

As representações são geradas porque os indivíduos que pensam, não estão sozinhos, nos esclarece Sá (1995). Elas ocorrem mediante inumeráveis episódios da vida cotidiana por meio da semelhança de seus pensamentos como interlocutores do momento ou por outros grupos que participe, que irão indicar que terão pensado juntos sobre os mesmos assuntos.

Dentro desse processo, a memória é um importante componente para as representações sociais, visto que ela é produzida por homens e mulheres a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas, fornecendo modelos

para comportamentos de várias gerações. Moscovici ([2000] 2012, p. 242) nos explica que “[...] todos nossos discursos, nossas crenças, nossas representações provêm de muitos outros discursos e muitas outras representações elaboradas antes de nós e derivadas delas”.

Em vista disso, a TRS alinha-se aos estudos de Maurice Halbwachs ([1950] 2003), uma vez que para este autor, “[...] qualquer recordação de uma série de lembranças que se refere ao mundo exterior é explicada pelas leis da percepção coletiva” (HALBWACHS, [1950] 2003, p. 62), o que nos leva aos sentidos pelos quais o sujeito constrói suas representações.

Dessa forma, nesta seção, abordamos a Teoria das Representações Sociais e seus aspectos teóricos, destacamos a finalidade da teoria e sua construção à luz dos postulados de Moscovici ([2000] 2012), com aporte em Jodelet ([1989] 2001), Abric (2001), Sá (1995;1996;1998) e Santos (2005). Também apresentamos o conceito de memória a partir de Maurice Halbwachs ([1950] 2003), de modo a contribuir com os estudos das representações sociais. São essas teorias que irão subsidiar as análises sobre memória e representações socialmente construídas dos adolescentes rurais acerca do consumo de bebidas alcoólicas.

2.1. ASPECTOS TEÓRICOS DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais foi proposta por Serge Moscovici, em 1961. Psicólogo romeno, naturalizado francês, à medida que lançou suas bases conceituais e metodológicas constituiu um novo paradigma no âmbito da psicologia social. A partir de sua insistência no reconhecimento da existência de representações sociais como um fenômeno, o que era antes visto como conceito, explicitado por ele no capítulo 1 do livro **Representações sociais: investigações em Psicologia Social** ([2000] 2012).

Moscovici foi influenciado pelas ideias do sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917), no que diz respeito ao conceito de representações coletivas elaborado por ele. Sendo que nos estudos expressos por Durkheim há uma distinção entre representações individuais e representações coletivas. Em suas palavras:

> As representações que são a trama dessa vida originam-se das relações que se estabelecem entre os indivíduos assim combinados ou entre os grupos secundários que se intercalam entre o indivíduo e a sociedade total (DURKHEIM, [1924] 1970, p. 38).

Seu principal argumento é que as representações individuais são “produzidas pelas ações e reações permutadas entre os elementos nervosos”, enquanto que as representações coletivas são “produzidas pelas ações e reações entre as consciências elementares das quais é feita a sociedade” (DURKHEIM, [1924] 1970, p. 38). E essas representações, uma vez construídas, originam-se outras:

> Mas, uma vez que uma primeira base de representações assim se constitua, elas se tornam, pelas razões que apresentamos, realidades parcialmente autônomas, que vivem uma vida própria. Têm o poder de se atrair, de se repelir, de formar entre si síntese de toda espécie [...] as representações novas [...] têm como causas próximas outras representações coletivas, [...] É na evolução religiosa que se encontram, talvez, os exemplos mais expressivos desse fenômeno (DURKHEIM, [1924] 1970, p. 44).

Sá (1995, p. 21) explica que Durkheim, ao conceituar as representações coletivas, “[...] procurava dar conta de fenômenos como a religião, os mitos, a ciência, as categorias de espaço e tempo etc. em termos de conhecimentos inerentes à sociedade”. Abrangendo, assim, formas muito amplas de conhecimentos. Em uma perspectiva sociopsicológica, Moscovici ([2000] 2012) vai além do termo representação coletiva de Durkheim, o que para ele tinha um caráter mais fixo, preferindo o termo, social, ao enfatizar a qualidade dinâmica das representações, reduzindo-as a modalidades e funções específicas.

As representações sociais são, então, identificadas por Moscovici como elo de associação que nos liga uns aos outros, através das influências sociais de comunicação. Para Moscovici ([2000] 2012, p. 46), “as representações devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos”, com as funções de convencionalizar o que encontram, podendo ser um objeto, pessoa ou acontecimentos, bem como, serem prescritivas,

> [...] isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 36).

Moscovici nos leva às atividades representativas dos sujeitos que partilham as mesmas experiências sociais, uma mesma condição. Uma vez que as representações são partilhadas “elas são repensadas, re-citadas, e re-apresentadas”

(MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 37), isso se dá porque o sujeito neste caso, “não é um simples processador de informações externas ou produto de uma realidade exterior a ele”, mas sempre ativo, construtor da realidade e nela construído, é o que nos explica Santos (2005, p. 17).

A autora supracitada nos esclarece que as representações sociais dizem respeito ao conhecimento produzido no senso comum, mas que não é qualquer conhecimento e sim aqueles que são compartilhados, articulados, constituindo-se verdadeiras teorias acerca de determinados objetos sociais. Portanto, ao nos referirmos à Teoria das Representações Sociais, a qual tem como objetivo compreender os fenômenos das representações partilhadas, nos deparamos com um modelo teórico, um conhecimento científico que estuda um fenômeno específico e delimitado, pois sempre visa explicar e/ou compreender a construção do conhecimento leigo, as teorias do senso comum.

Wagner (1998) já havia tido o mesmo entendimento de Santos (2005), ao afirmar que as representações sociais são:

> [...] conteúdo mental estruturado – isto é, cognitivo, avaliativo, afetivo e simbólico – sobre um fenômeno social relevante, que toma a forma de imagens ou metáforas, e que é conscientemente compartilhado com outros membros do grupo social (WAGNER, 1998, p. 3-4).

Neste sentido, como afirmam Jodelet ([1989] 2001) e Wagner (1998), as representações sociais são concebidas como processo e produto. Por um lado são processos de comunicação em desenvolvimento nos grupos sociais e por outro são resultados deste mesmo processo. À luz da teoria moscoviciana e dos estudos de dos autores supracitados, ponderamos que esse processo somente é possível em grupos e sociedades em que o discurso social inclua a comunicação, seja de pontos de vistas compartilhados ou divergentes.

Com base nos pressupostos de Moscovici, Jodelet ([1989] 2001, p. 22) expressa as representações sociais como sendo “[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo um objetivo prático e concorrendo à construção de uma realidade comum a um conjunto social”. A autora nos explica que o fenômeno das representações sociais possui um caráter dinâmico, inserida em uma dimensão histórico-cultural para facilitar a comunicação entre os membros de um grupo.

Deste modo, as representações sociais não podem ser compreendidas enquanto processo cognitivo individual, pois são produzidas na interação das relações e comunicações sociais (JODELET, [1989] 2001; MOSCOVICI [2000] 2012).

Sendo o processo de representações sociais produzido na interação das relações e comunicações sociais, elas vêm com o propósito de transformar o não familiar em familiar, isto é, tornar conhecido aquilo que causa estranheza, o desconhecido. As representações que nós construímos são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum algo que é incomum, nos explica Moscovici ([2000] 2012).

Em toda interação social, em algum momento, o não familiar aparece, mas como a ausência de sentido nos traz incômodo, busca-se então uma representação para familiarizar o não familiar, conforme consideramos anteriormente.

Moscovici ([2000] 2012), ao nos apresentar a finalidade das representações, aponta para duas funções: contribuir com os processos de formação de condutas e orientar as comunicações sociais.

É o mesmo entendimento que tem Jean Claude Abric (2001) quando nos explica que as representações atuam como um guia para nossas ações, funcionando como um sistema de interpretação da realidade ao reger nossas relações. Para o autor, as representações possuem quatro funções, descritas a seguir:

> [...] funções de saber: permitem compreender e explicar a realidade [...]; funções identitárias: definem a identidade do grupo além de salvaguardar a sua especificidade [...]; funções de orientações: guiam comportamentos e práticas[...]; funções justificatórias: permitem justificar *a posteriori* as tomadas de posição e comportamentos[...] (ABRIC, 2001, 15-17, tradução nossa).

Tais funções surgem pela importância que as representações sociais desempenham nas práticas e na dinâmica das relações sociais como afirma Abric (2001).

Portanto, assim como Moscovici, Abric ao analisar as funções das representações sociais, as percebe como indispensáveis na compreensão da dinâmica social.

2.1.1. A construção das representações sociais

Apresentadas as funções das representações sociais por Moscovici ([2000] 2012) e por Abric (2001), partirmos para a identificação de sua estrutura. Por meio dos estudos de Moscovici ([2000] 2012), são descritos dois processos que geram representações sociais: ancoragem e objetivação.

O primeiro processo é ancorar ideias estranhas e colocá-las em um contexto familiar, nos diz Moscovici ([2000] 2012). A ancoragem, dessa forma, busca um conjunto de significados pré-existentes já no conhecimento social, atribuindo a este objeto um sentido. Assim "[...] a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem" (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 46). A função de duplicar uma figura por um sentido, interpretar o objeto em um contexto inteligível foi chamado de ancorar, nos explica Sá (1995).

Segundo Santos (2005, p. 32), a ancoragem caracteriza-se, "pela inserção do objeto num sistema de pensamentos preexistentes, estabelecendo uma rede de significações em torno do mesmo". A autora corrobora, assim, com o pensamento de Moscovici ao descrever a referida característica como um processo que transforma algo desconhecido em algo conhecido. Vejamos, pois, que é por meio de comparações com categorias existentes e já conhecidas que esse processo ocorre.

A objetivação, por sua vez, é o processo que permite identificar os elementos que dão sentido a um objeto abstrato, por meio de figuras, em busca de sua naturalização, ou seja, "objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser imprecisos; é reproduzir um conceito em uma imagem" (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 71-72).

Assim, este processo torna concreto o que antes era apenas abstrato.

> Objetivação une a ideia de não familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante dos nossos olhos (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 71).

As representações sociais estabelecem a relação dialética entre o social e o individual, e isto pode ser observado não só quando os conteúdos da representações são analisados, mas também nos processos que contribuem para sua construção por meio da objetivação e ancoragem (ALBA, 2014).

> Na objetivação, percebe-se como um indivíduo materializa uma ideia abstrata em função tanto de sua própria experiência e criatividade pessoal, como das normas e valores sociais. Também se pode observar um esquema figurativo de uma ideia desenvolvido por um grupo. Mediante o processo de ancoragem, todo o novo elemento vai ser interpretado pelo indivíduo de acordo com um quadro de referência anterior, que é, em grande parte, um contexto cultural ou social, dado pelos grupos ou instituições a que pertence (ALBA, 2014, p. 533).

Tanto o processo de ancoragem quanto de objetivação precisam ser analisados para que o pesquisador compreenda o processo de construção do conhecimento do senso comum.

A exemplo, podemos tomar como objeto de pesquisa a bebida alcoólica. Haja vista que o consumo do álcool tornou-se um problema social e variadas são as representações a respeito deste fenômeno. Podemos, sob a perspectiva de Moscovici, observar e compreender as bases sobre as quais os grupos vão construindo sentidos acerca do objeto investigado. Bem como, as possíveis influências dessas representações diante do consumo de bebidas alcoólicas em dados grupos sociais.

Ao iniciarmos na pesquisa das representações sociais, é importante salientarmos que há diferenças entre o fenômeno de representação social e o objeto de pesquisa. Para isso, Celso Pereira Sá (1998), em seu livro, intitulado **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais***,* explora a noção de objeto de pesquisa, diferenciando-a do fenômeno de representação social.

O objeto de pesquisa é construído a partir do fenômeno de representação social e não uma réplica dele, nos esclarece Sá (1998). Uma vez escolhido o fenômeno em representação social, não quer dizer que o objeto da pesquisa automaticamente fique estabelecido. Em suas palavras:

> Os fenômenos de representação social são caracteristicamente construídos no que Moscovici chamou de universos consensuais de pensamento. Os objetos de pesquisa que deles se derivam são tipicamente uma elaboração do universo reificado da ciência (SÁ 1998, p. 22).

Em outras palavras, devemos buscar os requisitos conceituais, para dar uma fundamentação teórica consistente para elaboração do objeto de pesquisa em representação social.

Outro ponto é a finalidade da pesquisa dentro do conceito de representação social. Ela serve para delimitar e selecionar as dimensões do fenômeno, tendo como pretensão a viabilidade e relevância da pesquisa. E na busca pela delimitação, baseado nas premissas de Jodelet ([1989] 2001), nos adverte Sá que não podemos esquecer a proposição teórica que deve considerar, simultaneamente, o sujeito e o objeto da representação que queremos estudar:

> [...] uma representação social é sempre de alguém (o sujeito) e de alguma coisa (o objeto). Não podemos falar em representação de alguma coisa sem especificar o sujeito – a população ou conjunto social – que mantém tal representação (SÁ, 1998, p. 24).

Assim, toda representação é construída na relação do sujeito com o objeto representado, emergindo como um fenômeno social. Jovchelovitch (2012, p. 63) afirma que "é através da atividade do sujeito e de sua relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói".

Diante disso, ao analisarmos nosso objeto de pesquisa à luz da Teoria das Representações Sociais, compreendendo suas estruturas e funções, teremos um olhar mais aproximado do sujeito que partilha explicações, quando busca tornar familiar o não familiar em seu cotidiano. Sendo necessário recorremos ao conceito de memória coletiva de Halbwachs, pois está relacionado com os processos de ancoragem das representações sociais, quando se referem à possibilidade de transformar o passado em presente, e com os processos de objetivação em que as recordações são reconstruídas e não evocadas sem sofrer transformações (ALBA, 2014).

Assim, faremos uso do conceito de Memória no que diz respeito a nossas experiências e hábitos. Para isso, citamos mais uma vez Moscovici ([2000] 2012, p. 78) quando asserta: "É dessa soma de experiências e memórias comuns que nós extraímos as imagens, linguagem e gestos necessários para superar o não familiar, com suas consequentes ansiedades."

Dessa forma, podemos dizer que a memória é um fator fundamental para incorporação de significados e representações sociais.

2.2. A MEMÓRIA

Teóricos como Bergson (1859-1941), Halbwachs (1877-1945) e Moscovici (1925-2014) tomaram como base, para formularem suas teorias, os postulados de Emile Durkheim (1858-1917), o que nos leva à origem comum dos estudos destes autores no campo da memória e das representações sociais.

A Teoria das Representações Sociais, ao explicar como se organiza o pensamento que partilhado por um determinado grupo social, resulta em uma determinada representação, é que o passado, enquanto memória coletiva, torna-se relevante, para compreendermos os sentidos que os objetos representados têm para os sujeitos, salientando os elementos históricos que contribuíram para a construção dessas representações sociais.

“O caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo ou imagens, estão passando por mudanças”, nos diz Moscovici ([2000] 2012, p. 91), e é justamente nesta fase que as memórias coletivas são estimuladas, pois são motivadas pelo desejo de entender o mundo, fazendo surgir nossas representações.

Do ponto de vista da memória individual, Bergson (1859-1941) nos traz um olhar sobre o que nós armazenamos, aprendemos e acessamos, o que chamou de memória-hábito. Para o autor, o corpo guarda esquemas de comportamentos, por meio da percepção consciente inúmeras vezes o que nós armazenamos e colocamos em prática, na ação por meio do hábito, do condicionamento, fica guardado na memória. Esse conceito nos ajuda a compreender o processo de formação de condutas, sendo descrita como uma das funções das representações sociais.

Assim, os variados caminhos da memória, tanto individual na perspectiva de Bergson ([1896] 1999), quanto de modo coletivo expresso por Halbwachs ([1950] 2003), nos ajudam nos estudos das representações sociais, pois é por meio da soma de experiências e memórias comuns que extraímos um meio de compreender o não familiar.

2.2.1. A memória em Bergson

É a memória que faz o homem, permitindo-lhes a construção de sua própria identidade. A palavra memória vem do latim, *memor,* que quer dizer lembrança, recordação.

A memória, no final do século XIX e início do século XX, tornou-se objeto de estudos por diversos ramos da ciência, entre eles pode-se destacar: a psicologia, a sociologia, a medicina, a literatura e a filosofia. É no âmbito da filosofia que o francês Henri Bergson (1859-1941), influenciado por Emile Durkheim (1858-1917), produziu obras de referências, tais como: **Ensaios sobre os dados imediatos da consciência** (1889), **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito** (1896*),* **A evolução criadora** (1907) e **Duração e simultaneidade** (1918). Tendo, posteriormente, com o seu trabalho influenciado vários filósofos e sociólogos.

Tomaremos como referência a sua obra intitulada: **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**, no qual o autor buscou, na memória, o papel do corpo e encontrou nela o ponto de interseção entre espírito e a matéria.

Para Bergson ([1896] 1999), é a memória que comunica à percepção seu caráter subjetivo, definindo a memória como sendo uma reelaboração do passado no presente.

> [...] A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente, condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela (BERGSON, [1896] 1999, p.77).

Na medida em que Bergson ([1896] 1999) nos traz a percepção de forma quase indissociável da memória, nos leva a reconhecer imagens retidas pelo corpo, onde aqui podemos pensar na percepção dos adolescentes[2] sobre as bebidas alcoólicas, já que "[...] a percepção, tal como a entendemos, mede nossa ação possível sobre as coisas e por isso, inversamente, a ação possível das coisas sobre nós", nos explica Bergson ([1896] 1999, p 58).

Quanto mais próximo o objeto está do nosso corpo tanto mais o perigo torna-se eminente e quanto maior a capacidade de agir do corpo, mais vasto o campo que

[2] O termo adolescente será explicado, posteriormente

a percepção abrange, nos diz Bergson ([1896] 1999). Portanto, nossas percepções não estão isoladas da nossa memória.

Bergson ([1896] 1999) nos apresenta, então, duas formas distintas de memória, a primeira que se repete e a segunda que imagina. Ambas caminham lado a lado, prestando um mútuo apoio.

A primeira refere-se à memória-hábito, firmada no presente, sendo também chamada de imagem-ação, e como hábito "[...] é adquirida pela repetição de um mesmo esforço" (BERGSON, [1896] 1999, p. 86), e a memória pura, a qual reside nas imagens-lembranças, onde está o reconhecimento do passado. Entendendo, assim, a memória como um passado/presente.

Pela necessidade de um recorte, e para tornar possível o estudo de dados no tempo disponível para a realização desta pesquisa, destacamos a memória-hábito, a qual pode trazer-nos informações sobre as atitudes e concepções que os adolescentes carregam a respeito do consumo de bebidas alcoólicas.

De acordo com Bergson ([1896] 1999), a memória-hábito seria a memória dos mecanismos motores, adquirida pelo esforço e repetição de palavras e gestos ao longo de sua socialização.

A memória-hábito sai do tempo, seu papel consiste em utilizar cada vez mais os movimentos, organiza-los entre si, criar um hábito do corpo, nos diz Bergson ([1896] 1999). Esses movimentos "[...] determinam em nós atitudes que acompanham automaticamente nossa percepção das coisas" (BERGSON, [1896] 1999, p. 91).

Essa memória ao passo que repete, ela não reproduz sempre a mesma coisa, pois à medida que buscamos reconstruir uma imagem, ela prolonga nossa percepção atual do objeto. "A repetição tem por verdadeiro efeito *decompor* em primeiro lugar, *recompor* em seguida, e desse modo falar à inteligência do corpo", nos esclarece Bergson ([1896] 1999, p 127, grifos do autor).

Ao passo que, ao estudarmos a noção de hábito tanto apreendido individualmente quanto de forma compartilhada, vemos que a partir deste termo podemos pensar nas práticas socializadoras do consumo de bebidas alcoólicas.

A construção de hábitos, neste cenário, reverte-se contra os sujeitos, que ao passo da repetição da ação a memória-habito surge, e às vezes, levando-os à dependência do álcool. Contudo, lembranças apreendidas podem vir a ser a favor do

sujeito, à proporção que a finalidade da repetição seja compor e recompor hábitos de vida mais saudáveis.

Assim, somos conduzidos a refletir sobre os modos de vida dos sujeitos no espaço rural[3] diante do consumo de bebidas alcoólicas. Para isso faz-se necessário pensarmos em uma memória que também é coletiva, tendo como base as lembranças que os indivíduos recuperam enquanto integrantes de um grupo.

2.2.2. A Memória em Maurice Halbwachs

Durante muito tempo, os estudos referentes à memória*,* restringiam-se à natureza psíquica e biológica dessa categoria, fazendo com que esta tenha sido analisada apenas sob o plano individual, como os estudos feitos por Henri Bergson (1859-1941). A partir do final do século XX e início deste século, é que se introduzem as ideias referentes aos atributos sociais da memória.

Sublinham-se aqui as contribuições e o pioneirismo de Maurice Halbwachs (1877-1945) sobre o caráter social da memória e o elo estabelecido entre os aspectos individuais e coletivos da memória. Sob a influência do pensamento durkheiminiano e bergsoniano, Halbwachs desenvolveu o conceito de Memória Coletiva, em 1925, apresentando-o por meio da obra **Os quadros sociais da memória** (1925) e em sua obra póstuma **Memória coletiva***,* publicada, pela primeira vez, em 1950, a partir de pesquisas por ele deixadas. Por meio dos seus estudos, Halbwachs ([1950] 2003), afirma que a memória é construída dentro de um grupo, seja ele do seio familiar, de grupos religiosos ou classes sociais. Em outras palavras, o que recordamos enquanto indivíduos, é sempre condicionado pelo fato de pertencermos a um grupo.

Do ponto de vista de Alba (2014), Halbwachs realiza várias propostas ousadas em sua teoria:

> A primeira é supor que a memória não é armazenada em qualquer lugar, que não há um depósito de memórias, onde devem ser mantidas intactas, mas que o indivíduo reconstitui o passado a partir de sua posição social, sua identidade e seu estado emocional, no presente. A segunda consiste em postular que a memória é um processo inteligente. A terceira é que a memória é realizada somente na interação (real ou simbólica) com os outros e dentro de contextos sociais (ALBA, 2014, p. 540).

[3] A definição e discussão sobre o rural será realizada na próxima seção.

De acordo com Halbwachs ([1950] 2003), a construção da memória coletiva perpassa, necessariamente, pela rememoração das percepções atuais. As confrontações dos depoimentos reconstroem o passado coletivo e possibilitam o reconhecimento de determinados significados, valores que permitem manter e solidificar os laços afetivos existentes entre os membros de um grupo.

É desse modo, que as memórias subsistem, por trazerem um juízo de valor, que são comuns a todos os membros de um grupo. Sendo a memória um fator de coesão do grupo, Halbwachs ([1950] 2003, p. 30) destaca:

> Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que só nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.

Dessa maneira, para Halbwachs, a memória coletiva melhor exprime as necessidades ideais do grupo, uma vez que a memória individual está sob às regras da coletividade.

Com isso, Peralta (2007) nos explica que, ao estudar a memória coletiva, é necessário vê-la como um processo dinâmico que fornece significação pela qual as sociedades mantêm a estabilidade e a identidade enquanto se adaptam às mudanças.

Neste processo dinâmico, não é possível, portanto, ver a memória como fiel ao passado, como suas imagens preservadas integralmente. Nas palavras de Halbwachs ([1950] 2003, p. 29):

> Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos.

Embora, sofrendo inúmeras críticas às suas ideias, autores como Fentress e Wickham (1992, p. 241), comungam do mesmo pensamento ao afirmarem que “a transmissão da memória é um processo de evolução e mudança”. O que não podemos esperar é que seja sempre um processo rápido de mudanças, ao contrário, o que se vê é uma lentidão, uma resistência frente ao novo. Para Fentress e

Wickham (1992) isso se dá porque as mudanças podem ocultar-se à própria comunidade, já que para ela, a sua reserva de recordações surge como algo que sempre foi assim.

O conceito de memória coletiva descrito por Halbwachs ([1950] 2003), mostra-nos a constituição da memória de um indivíduo sendo a combinação de várias memórias de diferentes grupos, sejam elas da família, da escola, dos amigos do trabalho ou da igreja, grupos os quais ele participa e sofre influência, havendo então uma relação intrínseca entre a memória individual e a memória coletiva. Segundo Halbwachs ([1950] 2003, p. 39),

> [...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum.

Neste aspecto, a memória coletiva integra a memória do grupo, o qual há consensualidade mediante as relações que se faz dentro do próprio grupo.

2.2.3. A relação entre Memória Coletiva e a Teoria das Representações Sociais

Ao buscarmos as relações entre as duas teorias, é possível perceber as contribuições que ambas podem fazer-se mutualmente.

Com uma origem em comum advindo do conceito de representações coletivas de Emile Durkheim, conforme dito anteriormente, as duas teorias têm como questão central a relação entre o indivíduo e a sociedade. No que tange à memória coletiva, Halbwachs faz uma relação direta com a Teoria das Representações Sociais ao utilizar o termo representação como um mecanismo psicológico que participa no processo de reconstrução da memória, tornando a representação matéria-prima indispensável para a memória coletiva (ALBA, 2014).

De acordo com Alba (2014), a noção de memória coletiva se aproxima da TRS porque a memória é um processo inteligente. Nela as representações sociais desempenham um papel essencial, pois adotam o sujeito para ter uma visão do passado de forma que faça sentido para ele e para os grupos em que participa. Isto

ocorre porque, para Halbwachs, a memória é sempre reconstruída a partir do presente.

> [...] De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, [1950] 2003, p. 69).

Na perspectiva de Moscovici, este sujeito não é um ser isolado. Ele constrói suas representações inserido em uma cultura, em uma sociedade que lhe proporcionará a bagagem de conhecimento para elaborar seus pensamentos (ALBA, 2014). Para Moscovici ([2000] 2012, p. 105), nos estudos das representações,

> [...] o que se requer é que examinemos os aspectos simbólicos dos nossos relacionamentos e dos universos consensuais em que nós habitamos. Porque toda "cognição", toda "motivação" e todo "comportamento" somente existem e têm repercussões uma vez que eles signifiquem algo e significar implica, por definição, que pelo menos duas pessoas compartilham uma linguagem comum, valores comuns e memórias comuns. É isto que distingue o social do individual, o cultural do físico e o histórico do estático.

Desse modo, a relação que se faz entre as duas teorias é estabelecida ao analisarmos o lugar que a memória ocupa nas representações sociais, sob a forma de ancoragem e objetivação. Isso se dá porque, por exemplo, quando o modo de funcionamento dos marcos sociais dos grupos, da cultura, da história, e do espaço na construção da memória, descrito por Halbwachs, enriquecem o processo de ancoragem na Teoria das Representações Sociais. Ao passo que a objetivação da TRS traz clareza para o caráter gestáltico da lembrança que Halbwachs vê como esquema, como reconstrução e não como evocação sem que sofram alterações (ALBA, 2014).

Portanto, vemos que ambas a teorias buscam compreender os indivíduos em relação à sociedade. Assim, na discussão sobre o consumo de bebidas alcoólicas no espaço rural, a memória revela-se útil na busca da identificação de valores, percepções e hábitos adquiridos, bem como a TRS em analisar a construção das percepções que os adolescentes possuem sobre a bebida alcoólica e que são partilhadas pelo grupo pesquisado. A seguir, delineamos o percurso histórico sobre o consumo de bebidas alcoólicas, bem como seus reflexos na vida dos adolescentes rurais, sujeitos desta pesquisa.

3. BEBIDAS ALCOÓLICAS, ESPAÇO RURAL E ADOLESCÊNCIA

O consumo de bebidas alcoólicas, no Brasil, está presente em festas, nas mais variadas comemorações, em atividades religiosas e até mesmo em meio às práticas esportivas, o que nos leva a pensar em seu consumo não como algo perigoso, como consideram as drogas ilícitas, mas é comum, os adolescentes, de modo particular, associarem seu uso ao prazer, à alegria e à diversão.

Ao direcionarmos nosso olhar para a comunidade rural, veremos um espaço permeado por singularidades. Nele, podemos constatar que os adolescentes fazem uso das bebidas alcoólicas porque também é fácil o acesso a elas.

O espaço rural é visto aqui por uma perspectiva de espaço vivido, a partir do seu significado por seus próprios habitantes, pois ele está sempre se reinventando pelas ações das pessoas em uma construção histórica contextualizada (QUEIROZ NETO ET AL, 2011).

Nos conceitos teóricos acerca do espaço rural, concordamos com Ferreira (2002) cujas ideias estão apontadas para um espaço rural como um território de vida e de trabalho. Segundo a autora,

> [...] o rural é um espaço de vida e trabalho, uma rede de relações sociais, uma paisagem ecológica e cultural e representações específicas de pertencimento, de desejo ou projetos de vida. Esse conjunto de características materiais e imateriais apresenta uma singularidade e uma dinâmica própria, mesmo se articuladas integralmente ao “mundo urbano” no âmbito de um território concreto ou imersa nos processos, redes e símbolos mais gerais da urbanidade (FERREIRA, 2002, p. 31).

No entanto, Ferreira (2002) nos recorda que, às décadas de 1930 e 40, havia uma generalização da cultura urbana que desqualificava a pertinência do rural como espaço portador de singularidades.

A ideia de um espaço rural como atrasado e de um espaço urbano como moderno era uma realidade até pouco tempo, afirma a autora supracitada. Contudo, a partir da segunda metade da década de 1990, passou-se a ter uma variedade de análises sobre um rural contemporâneo, sendo repensado como um espaço revitalizado demograficamente; de um rural dissociado do agrícola, não sendo mais os dois termos sinônimos; um rural que também é lugar de residência para trabalhadores urbanos e aposentados em ocupações urbanas, um rural que é

agrícola e que abriga famílias de agricultores crescentemente pluriativas, uma agricultura mais ecológica, dentre outros (FERREIRA, 2002). Essas diversas concepções lançam novos olhares sobre as ressignificações do rural no Brasil contemporâneo.

Nesta pesquisa, nos atentamos a um espaço rural local, a qual chamaremos aqui de comunidade Rio, para preservar sua identidade, cujos aspectos econômicos giram em torno da agricultura de subsistência, que tem como características métodos tradicionais de cultivo, desenvolvidos, geralmente, em pequenas propriedades, onde nelas são comuns a utilização de ferramentas como enxada, machado, foice e arado. Essa modalidade tem como principal objetivo garantir a subsistência da família (FRANCISCO, 2018). Entre os principais produtos cultivados na comunidade estão o milho, o feijão, e a mandioca para a fabricação da farinha, que é um alimento para o consumo familiar e que também é destinado para a venda nas feiras da circunvizinhança.

Juntamente com a agricultura, os agricultores familiares criam pequenas quantidades de gados bovinos, que variam de um (01) a dez (10) cabeças, em média, que têm como destino a venda destes animais, como também, servem-se do leite para seu consumo.

Pela proximidade do rio e dos lagos, a atividade pesqueira, também constitui-se uma das fontes de renda para os moradores, tendo como principal interesse a alimentação familiar e em alguns casos o que excede, é comercializado. Trata-se de uma prática artesanal que tem como principal característica o uso de diversos apetrechos[4] no trabalho da pesca (MUNIZ, 2016).

Contudo, nesta área rural, a agricultura, a criação bovina e a pescaria artesanal não são as únicas fontes de renda do povoado. Este modo de vida vem dividindo espaço com atividades ligadas ao comércio varejista, seja com a venda de alimentos não perecíveis seja com a venda de bebidas alcoólicas em pequenos comércios espalhados pelo povoado. Também, há trabalhadores assalariados com carteira de trabalho assinada pela empresa de cerâmica, instalada no povoado no ano de 2010. Em 2018, havia, em seu quadro funcional, 66 pessoas, sendo 15 pessoas moradores do povoado pesquisado e 51 da circunvizinhança rural e urbana.

[4] São os utensílios utilizados para a prática pesqueira, tais como: redes, linhas e anzóis, flutuadores, pesos e lanças.

Dentre eles 64 homens e 02 mulheres, entre 22 a 60 anos de idade, conforme os dados repassados pelo setor de recursos humanos da empresa (2018).

Outra fonte de renda dos moradores é proveniente de projetos sociais do Governo Federal como o Programa Bolsa Família[5] (PBF), que é uma política pública de combate à pobreza. Para Silva; Schneider (2015, p. 444) o PBF trata-se de:

> [...] uma ferramenta importante não só pelo acesso a renda mas também por condicionar a frequência escolar e o acompanhamento médico de crianças e mães beneficiárias do programa, influenciando nas capacitações dos beneficiários, além de incentivar o acesso ao mercado de trabalho, ao fornecer qualificação profissional.

Outra característica existente na comunidade Rio são os trabalhadores e trabalhadoras rurais que vivem de aposentadoria e pensões, asseguradas pela Previdência Social. Algo que corrobora com a melhoria da renda familiar rural do Brasil, declara Delgado (2015), ao verificar evidências estatísticas por meio do Censo Demográfico nos anos de 2000 a 2010.

Assim, este espaço rural, parafraseando Lamarche (2000), não se define pela agricultura mas com a agricultura, na medida que outras atividades como as mencionadas anteriormente constituem-se em fontes de renda no povoado. É com este conjunto de características que a comunidade Rio convive. Porém, uma convivência que não inclui a mesma diversidade no que diz respeito ao lazer e/ou atividades culturais que incluam, de modo, particular, os adolescentes. Com um tempo longo de ociosidade, alguns desses buscam nas bebidas alcoólicas um prazer e uma forma de sociabilização. Como resultado, a comunidade vem apresentando, nos últimos anos, um crescente consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes, segundo os moradores e conforme relatos dos profissionais da saúde e da educação da localidade.

Mas, esta prática não se restringe somente a esta localidade, sendo comum verificarmos, nos espaços rurais, o consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes e seus familiares. Para Laranjeira e Pinsky (2000, p 07): “começa-se a usar bebidas alcoólicas cedo, geralmente entre o início e o meio da adolescência,

---

[5] O Programa Bolsa Família foi criado em outubro de 2003 para contribuir no combate à pobreza e à desigualdade no Brasil. O programa é pautado nos seguintes eixos: complementação da renda, acessos a direitos e articulação com outras ações. Podem fazer parte do programa: todas as famílias com renda por pessoa de até R$ 85,00 mensais; Famílias com renda por pessoa entre R$ 85,01 e R$ 170,00 mensais, desde que tenham crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos. (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL – MDS, 2015).

com o grupo de amigos ou em casa”. Por ser uma droga lícita, é mais fácil para ela estar presente na maioria das ocasiões sociais, seu uso é quase obrigatório em momentos comemorativos ou do cotidiano, seja ele familiar ou religioso. Como nos afirma Carneiro (2005, p. 04):

> O brinde festivo, o uso do vinho como representação de Cristo ou a refeição acompanhada por cerveja ou caipirinha são expressões da importância sociocultural dos múltiplos usos das bebidas fermentadas ou destiladas.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) trabalha no sentido de impedir o consumo de bebidas alcoólicas pelos adolescentes por meio da proibição do fornecimento do produto ao menor de dezoito anos. Assim como o Código de Transito Brasileiro (BRASIL, 1997), que proibiu as pessoas dirigirem após ter consumido uma certa quantidade de álcool. Entretanto, no povoado Rio, o uso da motocicleta por menores de 18 anos é algo rotineiro, assim como vê-los dirigindo embriagados passou a ser algo comum. Embora, de acordo com informações do Posto de Saúde do Povoado, isso tenha gerado, nos últimos 5 anos, quatro acidentes com vítimas fatais e três amputações, tal prática não foi inibida entre os adolescentes nem, ao menos, dos que sofreram tais amputações, pois os mesmos continuam com o consumo de bebidas alcoólicas, conforme relato dos estudantes pesquisados e diversos outros moradores do local.

O uso precoce do álcool demanda preocupação, na medida em que quanto mais cedo o jovem começa a beber, mais prejudicial será o seu padrão de consumo de álcool no futuro. Nos espaços rurais, situados no centro oeste do Maranhão, os frequentes campeonatos futebolísticos, geralmente, são regados por bebidas alcoólicas e animados com música entre as partidas, reúnem pais e filhos, pessoas de todas as idades e classes sociais, um dos momentos que favorece o uso precoce de bebidas alcoólicas, entre os adolescentes. Nesse contexto, alguns adolescentes pesquisados espelharam-se nos hábitos paternos e/ou familiares e passaram a ver o álcool como algo comum, natural, tais representações e a companhia de outros que já eram consumidores do álcool os levaram ao consumo de diferentes tipos de bebidas, o que torna-os vulneráveis diante da dependência do álcool. Esta realidade é o que descreve Lapate (2001), quando afirma que nossa sociedade é muito permissiva e tolerante quanto ao uso do álcool, estando presente nas famílias, no

cotidiano das pessoas. E que o adolescente, ao iniciar precocemente o consumo de bebidas alcoólicas, torna-se frágil diante da inabilidade no discernimento para julgar seus perigos.

Neste sentido, a abordagem dessa seção está direcionada ao percurso histórico sobre o consumo de bebidas alcoólicas e o consumo destas entre os adolescentes no espaço rural maranhense, para isso utilizaremos autores como Garattoni (2008), Carneiro (2005), Laranjeira; Pinsky (2000), entre outros que nos conduzirão neste debate.

3.1. O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS: PERCURSO HISTÓRICO

O consumo de bebidas alcoólicas acompanha a humanidade há milênios, estando presente nas refeições e eventos comemorativos, conforme referido anteriormente. Ao longo da história, serviu de moeda de troca, fonte de poder e só, posteriormente, o seu consumo tornou-se um problema social (LAPATE, 2001; CARNEIRO, 2005; BERTONI, 2006).

A presença do álcool na vida das civilizações surge concomitantemente com advento da agricultura, quando o homem descobriu que poderia utilizar-se das sementes das plantas para criar novas plantas. Acredita-se que a primeira porção de bebida alcoólica foi preparada na China, ainda por volta do ano 8000 a.C. Registros de análise de jarros encontrados em Jiahu, no norte do país, revelou que eles continham um drinque feito de arroz, mel, uvas e um tipo de cereja, o teor alcoólico encontrado, estava entre a cerveja e o vinho, segundo experiência do arqueólogo e químico Patrick McGovern da Universidade da Pensilvânia, que reproduziu a receita em laboratório achando o resultado um pouco amargo (GARATTONI, 2008).

A civilização dos sumérios aperfeiçoou a fórmula, criando 19 tipos de bebidas alcoólicas, 16 deles à base de trigo e cevada. Estava criada a cerveja. Era uma bebida de elite que os aristocratas sumérios bebiam com canudinhos de ouro, mas pouco tempo depois chegou a todas as camadas sociais (GARATTONI, 2008).

O consumo de cerveja era um hábito comum 2550 anos antes de Cristo. Com sua popularização, a elite migrou para outro tipo de bebida, o vinho. Ganhando relevância geopolítica em Roma, o vinho passou a ser produzido em grande escala, pois sua exportação era vital para manter a estabilidade nas províncias do império. Neste período, os soldados romanos levavam a bebida para desinfetar a água dos

lugares por onde passavam e, também, a utilizavam como uma espécie de arma química contra os inimigos. Quando chegavam a territórios que desejavam conquistar, uma de suas estratégias era fingir amizade e dar vinho para os povos locais beberem. No dia seguinte, quando as vítimas estavam acordando de ressaca, os romanos voltavam e faziam um massacre (GARATTONI, 2008).

Com as Grandes Navegações realizada no século XVI, o álcool teve um papel central. A expedição comandada pelo português Fernão de Magalhães conseguiu dar, pela primeira vez na história, uma volta completa no globo terrestre. Magalhães investiu nesta expedição mais em bebida do que em armas, cinco navios carregavam um gigantesco suprimento de vinho (cujo valor seria suficiente para comprar mais duas caravelas). Já o navio Arbella, no qual os ingleses foram colonizar a América, levava inacreditáveis 40 mil litros de cerveja e 40 mil litros de vinho, contra apenas 12 mil litros de água (GARATTONI, 2008).

Como os portugueses já conheciam o vinho e a cerveja, logo aprenderam a fazer a cachaça, sendo fácil, pois para fazer o açúcar a partir da cana-de-açúcar, no processo de fabricação do mosto (caldo em processo de fermentação), acabaram descobrindo um melaço que colocavam no cocho para animais e escravos, denominado de "cagaça", que depois veio a ser cachaça, destilada em alambique de barro e, muito mais tarde, de cobre (ANDRADE; ESPINHEIRA, 2008).

A cachaça é conhecida de muito tempo, desde os primeiros momentos em que se começava a colonização brasileira.

> O açúcar, para adoçar a boca dos europeus, como disse o antropólogo Darcy Ribeiro, da amargura da escravidão; a cachaça para alterar a consciência, para calar as dores do corpo e da alma, para açoitar espíritos em festas, para atiçar coragem em covardes e para aplacar traições e ilusões. Para tudo, na alegria e na tristeza, o brasileiro justifica o uso do álcool, da branquinha à amarelinha, do escuro ao claro do vinho, sempre com diminutivos (ANDRADE; ESPINHEIRA, 2008, p 02).

Mas a produção de cachaça foi logo proibida no Brasil porque Portugal queria garantir o mercado local para seus vinhos. Por conta disso, os senhores de engenho começaram a exportar, clandestinamente, a bebida para Angola onde eram trocadas por escravos. Segundo Carneiro (2004), a escravidão deste período relacionava-se com o álcool tanto como moeda de troca para o tráfico negreiro, como também, para utilização dos escravos para o plantio da matéria-prima nos alambiques dos

engenhos. De acordo com Garattoni (2008), foi o mesmo período em que os negros amotinados em quilombos aprendem a fabricá-la por conta própria.

No livro de Henrique Carneiro (2005), cujo o título é **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas**, o autor nos mostra como as drogas estavam relacionadas com a expansão do comércio ultramarino:

> A palavra “droga” provavelmente deriva do termo holandês droog, que significa produtos secos, e que servia para designar, entre os séculos XVI e XVIII, um conjunto de substâncias naturais utilizadas, sobretudo, na alimentação e medicina. Mas o termo também foi usado na tinturaria ou como substância que poderia ser consumida por mero prazer (CARNEIRO, 2005, p. 11).

Carneiro (2004) destaca que, com as navegações modernas, o vinho difundiu-se também junto com a conversão religiosa, a religião cristã levou seu hábito para as Américas e para todo o mundo.

Somente a partir da revolução industrial, o consumo de bebidas alcoólicas transformou-se em uma preocupação mundial, pois começaram a ser fabricadas com novas tecnologias. Produzidas, em grande escala, elas ficaram mais baratas, e passaram a ser consumidas em maior quantidade. Outro fator, a partir da revolução industrial inglesa, foi a mudança no tipo de bebidas fabricadas, passou-se a produzir destilados na forma de gim e com graduação alcoólica bem maior (LARANJEIRA; PINSKY, 2000), todos esses elementos elevaram os riscos acarretados à saúde.

No século XX, os dados oficiais da Organização Mundial da Saúde (OMS) demonstraram que o maior dano à saúde pública mundial neste século foi causado pelo tabaco, seguido do álcool (CARNEIRO, 2005). Foi neste século que países como a França e os Estados Unidos começaram com mobilizações ao criarem leis e campanhas populares proibicionistas na tentativa de controlar o seu consumo. Para o consumo de bebida alcoólica, a França, no século XX, estabeleceu a maioridade de 18 anos, já “o estado americano decretou, em 1920, a Lei Seca que proibia a fabricação, troca, venda, transporte, importação, exportação, distribuição, posse e consumo de bebida alcoólica” (BERTONI; SANTOS, 2017, p 104).

Assim, desde os tempos mais remotos aos atuais, encontramos o envolvimento da humanidade com o álcool ou outras drogas. Seu uso, atualmente, está relacionado a problemas clínicos, psiquiátricos e sociais. Problemas derivados desse uso podem acarretar o abuso e a dependência de substâncias psicoativas

lícitas, que são aquelas legalizadas, produzidas e comercializadas livremente e que são aceitas pela sociedade como álcool e o tabaco, quanto ao uso de substâncias psicoativas ilícitas, como a cocaína, maconha, *crack* etc., drogas cuja comercialização é proibida pela legislação.

No prefácio do livro intitulado**: Drogas e cultura: novas perspectivas**, o termo, psicoativos, é explicado por Simões (2008, p 14) como sendo “um dos termos para referir às substâncias que modificam o estado de consciência, humor ou sentimento de quem as usa”. Desse modo, na linguagem mais comum, drogas, significam substâncias psicoativas lícitas ou ilícitas.

A explicação vinda de Lapate (2001, p. 27) nos lembra que droga pode ser tanto as bebidas alcoólicas, quanto especiarias, como plantas e remédios.

> Em linguagem científico-médica, droga é uma designação genérica de toda substância usada, capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em modificações psicológicas ou de comportamento. Quando bem utilizada por indicação médica se torna muito importante para o organismo e para o psiquismo humano.

O conceito do álcool como droga aparece de forma abrangente, mas basicamente considera-se droga tudo que se ingere e que não constitui alimento (SIMÕES, 2008). No caso do álcool, ele exerce sobre os indivíduos efeitos físicos e psicológicos, seu uso excessivo pode desencadear doenças como gastrite, pancreatite, hepatite alcoólica, problemas para dormir, bem como uma intoxicação alcoólica. Essa intoxicação é explicada por Laranjeira e Pinsky (2000) como sendo o consumo de bebidas alcoólicas de qualidade duvidosa, a qual apresenta impurezas que intoxica a pessoa que as consomem em grande quantidade. A intoxicação intensa do álcool chamamos de embriaguez (ESCOHOTADO,1995).

No período contemporâneo, as bebidas alcoólicas tornaram-se uma ameaça à saúde, à juventude e à família, por estarem intimamente ligadas à violência doméstica e aos acidentes de trânsito, ao mesmo tempo em que são consideradas entre nós fermentos de sociabilidade e das celebrações, como afirma Simões (2008).

Assim, podemos observar que o uso de bebidas alcoólicas é uma prática utilizada entre as civilizações desde tempos remotos, porém o uso desregrado dessas substâncias, desde aquela época, já representava alguns problemas sociais. Atualmente, é cada vez mais comum o uso e abuso do álcool entre os adolescentes,

fato preocupante porque seu uso vem acontecendo em idade cada vez mais precoce e em meio ao seu cotidiano, portanto, é este assunto que passamos a discutir no item a seguir.

3.2. ADOLESCENTES RURAIS E O CONSUMO DO ÁLCOOL

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) considera-se adolescente aquele entre 12 a 18 anos de idade. A Organização Mundial de Saúde (OMS) compreende a adolescência entre os 10 e 20 anos, não sendo possível fixar limites universais e exatos para a sua duração.

Em nossa sociedade, a adolescência é caracterizada por uma relação biopsicossocial, a qual marca a transição do estado infantil para o estado adulto. Mas nem sempre tivemos tal compreensão, segundo Dolto (1990, p. 41), “a partir do século XX, a adolescência foi motivo de contínuos estudos, contudo, antes deste século, prolongavam a infância ou o entronizava brutalmente como jovem adulto”.

Havia as chamadas cerimônias de iniciação[6], realizadas em muitas sociedades primitivas, em geral, severas provas destinadas à conversão do adolescente em um adulto dentro de poucos meses ou semanas (BRÊTAS ET AL, 2008). Mas, em sociedades como a nossa é exigida uma longa preparação para que esse indivíduo entre no mundo adulto. Desta forma, temos adolescentes com todas as suas significativas características, perpassando pelos aspectos biológicos, com a chegada da puberdade, por mudanças psicológicas que, segundo Aberastury (1981), as que se produzem neste período são relacionadas com as mudanças corporais, portanto, levam o adolescente a uma nova relação com os pais e com o mundo. E por mudanças sociológicas no que diz respeito aos seus novos papéis em sociedade.

Com todas essas mudanças, é frequente que, nesta fase, “os sentimentos adversos advindo das modificações corporais tornam-se comuns entre os adolescentes [...] levando o surgimento de mudanças de fases que podem ser retratadas como período de negação, fuga, revolta [...]” (BRÊTAS, 2008, p. 405; ABERASTURY, 1981). Assim, a adolescência é o grupo etário que maior preocupação suscita quanto ao consumo do álcool, por sua exposição às drogas,

[6] [...] realizadas de maneira formal, seguindo padrões estabelecidos pela tradição, distinguindo-se, assim, das demais atividades societárias, por sua natureza simbólica e por serem realizadas em ocasiões específicas e períodos determinados ((BRÊTAS ET AL, 2008).

tanto lícitas quanto ilícitas. Rozin (2012) aponta para uma das causas desta exposição o fato dos adolescentes não verem o álcool como uma droga com potencial de riscos à saúde, o que os tornam vulneráveis e onipotentes a essa substância.

Conforme Strasburger (1999), o álcool é uma das drogas de acesso mais importantes para os adolescentes. E por ser uma das drogas mais consumidas por eles, já foi considerada “porta de entrada” para outras drogas (ilícitas) (BERTONI, 2006). Contudo, este pode ser um fator, mas que não é determinante como se pensava a algum tempo atrás. Scivoletto (2003, p. 372) descreve alguns desses fatores:

> [...] o adolescente que começa a beber todos os finais de semana ou até com regularidade, usando o álcool para sentir o efeito da bebida e não pelo seu sabor, tem grande chance de passar a consumir outras drogas [...] no momento em que ele começa a ficar tolerante aos efeitos do álcool ou quando achar que tais sensações não são mais novidades pode decidir experimentar outras substâncias.

O consumo de bebidas alcoólicas apresenta diferentes riscos, entre eles a possibilidade de acidentes, em particular no trânsito, por conduzir automóveis ou motocicletas sob o efeito do álcool. Segundo levantamento realizado, em 2014, pelo Instituto Avante Brasil (IAB), tendo por base o relatório *Global Status Report on Road Safety* 2013, da Organização das Nações Unidas, o Brasil está no 4º lugar do *ranking* de países com maior quantidade de mortes ocasionadas por acidentes de trânsito.

Outro problema é a continuidade do consumo, passando do uso experimental habitual para padrões mais graves de abuso e dependência (SCIVOLETTO, 2003). Com os adolescentes não é diferente, segundo Scivoletto (2003, p. 366): [...] “a experimentação de uma substância psicoativa coloca o jovem em situação de maior exposição a outros fatores capazes de contribuir para o uso regular e dependência”. Para o autor, é na adolescência que as influências ambientais são mais suscetíveis, os chamados “modismos”. Seja pela opinião de amigos ou por outras influências culturais, sociais e econômicas, como também pela simples curiosidade natural dos adolescentes. Sendo assim, “[...] quanto mais tarde se dá o início dessas substâncias, menos chances o indivíduo tem de acabar se tornando um usuário regular” (SCIVOLETTO, 2003, p. 378).

Lembrando que “o hábito de se beber moderadamente ou “socialmente”, como costumamos dizer, por vezes, torna a pessoa tolerante à bebida e esta pode vir a transformar-se em um bebedor problema ou alcoolista” (BERTONI, 2006).

Por muito tempo, “o indivíduo que bebia muito e possuía sérios problemas com a ingestão de bebida alcoólica era definido como alcoólatra” (BERTONI; SANTOS, 2017, p. 106). Porém, este termo foi substituído por alcoolista já que a expressão alcoólatra confere uma identidade e impõe um estigma que anula todas as outras identidades do sujeito, tornando-o tão somente aquilo que ele faz e que é socialmente condenado, não pelo que faz, mas pelo modo como o faz. Em outras palavras, não é a bebida em si, mas aquela pessoa que bebe mal, isto é, de modo abusivo, desregrado, que a leva à condição de ser socialmente identificada popularmente como alcoólatra, ou seja, quem "idolatra", "adora" e se tornou dependente do álcool. Sendo proposto por alguns pesquisadores o termo alcoolista como uma alternativa menos carregada de valoração, isto é, de estigma (ANDRADE; ESPINHEIRA, 2008; BERTONI; SANTOS, 2017).

Nos espaços rurais, o consumo de bebidas alcoólicas é bastante difundido seja pela promoção de festas, torneios futebolísticos ou outras atividades culturais ou por seu uso ultrapassar gerações no seio familiar, seu consumo tornou-se uma prática que faz parte do cotidiano.

Para Escohotado (1995, p. 09, tradução nossa), “os valores mantidos por cada sociedade influenciam as ideias que se formam sobre as drogas”. Certamente, é o caso do consumo de bebidas alcoólicas entre membros de comunidades rurais que passam a influenciar as representações que os adolescentes deste meio possuem sobre o álcool e seu consumo precoce.

Segundo Monteiro et al (2011, p. 568), “o consumo de álcool, apesar de ter aceitação social em praticamente todo o mundo, quando excessivo, passa a ser um problema”, o que pode desencadear um quadro de dependência do álcool, dependendo da dose, frequência e circunstância. O autor, ao realizar uma pesquisa com mulheres em uma comunidade rural do município de Teresina – PI, relata que as entrevistadas iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas ainda na infância, a partir dos 10 anos de idade, constituindo uma trajetória de vida permeada por bebidas alcoólicas.

Segundo o último levantamento do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) divulgado pelo Governo Federal em 2010, mostrou

desde a década de 1980, as bebidas alcoólicas e o tabaco (cigarro) têm sido as substâncias mais consumidas pelos adolescentes. O estudo do CEBRID de 2010 é um levantamento epidemiológico, de corte transversal, que representa o universo de estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental (anteriormente denominadas 5ª a 8ª séries do ensino fundamental) e 1º ao 3º ano do ensino médio, de escolas públicas e privadas das 27 capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal. As drogas mais citadas pelos estudantes foram as bebidas alcoólicas e o tabaco, respectivamente 42,4% e 9,6% para uso no ano. Para uso na vida, merece destaque o uso de energéticos em mistura com álcool (15,4%) referido em toda a amostra. Entre os anos de 2004 e 2010, foi observada a redução no número de estudantes que relataram consumo de bebidas alcoólicas e tabaco, tanto para os parâmetros de uso na vida quanto no ano. Por outro lado, constatou-se o aumento para cocaína (CEBRID, 2010).

Segundo o mesmo levantamento do CEBRID, na capital do Maranhão, São Luís, as drogas mais citadas pelos estudantes do ensino fundamental e médio, foram bebidas alcoólicas e tabaco. Entre os anos de 2004 a 2010, os dados apontam para a redução da proporção de estudantes que relataram consumo de bebidas alcoólicas e tabaco, tanto para os parâmetros de uso na vida quanto no ano. Por outro lado, foi observado o aumento para uso na vida e no ano de *crack*.

Todavia, o relatório divulgado pelo CEBRID possui lacunas de informações sobre a população do campo, de modo particular os adolescentes. Esta população que caracteriza-se pela diversidade cultural, histórica e social não tem sido reconhecida, sendo marcada pelas desigualdades impostas a essa população (SCHOLZE ET AL, 2015).

Conforme dados do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE, 2010), o número de adolescentes entre 10 a 19 anos é de aproximadamente de 45 milhões, contudo, o censo não apresenta o quantitativo de adolescentes que vivem nos espaços rurais no Brasil. Há uma ausência de dados mais específicos quanto ao espaço rural, o que podemos associar a uma dificuldade logística e financeira dos estudos domiciliares por amostragem para se atingir este público (SCHOLZE ET AL, 2015).

Scholze et al (2015), ao realizarem uma pesquisa intitulada: **Dados sobre o consumo de álcool entre a juventude rural: uma constatação de ausências**, tendo como objetivo identificar se há Políticas Públicas e Levantamentos

Epidemiológicos que têm contemplado a problemática sobre o consumo de álcool entre a juventude rural, com buscas em *sites* dos órgãos oficiais, como Ministério da Saúde, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad) e Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), bem como em 03 bases virtuais de dados, *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e a Bases de Dados de Enfermagem (BDENF), constataram a inexistência de Políticas Públicas e Levantamentos Epidemiológicos que contemplem a problemática sobre o consumo de álcool entre a juventude rural nos últimos 12 anos, considerando que estes englobam especificamente a população urbana.

Não sendo diferente nos espaços rurais, do Médio Mearim no Maranhão, sem uma política pública sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes rurais, estas localidade seguem invisíveis diante da problemática. Por se tratar de um cenário de intensas mudanças, seja pelos diversos conflitos e contradições, seja no âmbito político, econômico, cultural e/ou ambiental é fundamental pensar nos adolescentes que compõem estes espaços rurais, a partir de políticas que tenham como um dos seus objetivos as práticas de hábitos saudáveis, dando maior visibilidade às suas necessidades, suas falas, para conhecer às diversas representações construídas pelos adolescentes sobre as mais diferentes drogas, dentre elas o álcool.

4. CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida à luz do referencial qualitativo, o qual busca uma compreensão profunda e particular do fenômeno social em pauta. Com esta escolha foi possível uma maior reflexão sobre os dados obtidos, haja vista que a pesquisa qualitativa procura tanto encontrar o sentido dos fenômenos quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2006).

Para melhor compreender este tipo de pesquisa, Chizzotti (2006, p. 28) explana a palavra qualitativa de diferentes modos, no primeiro momento sendo o "termo genérico para designar pesquisas que, usando, ou não, qualificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem", bem como implicando "uma partilha densa entre pessoas, fatos e locais que constituem objeto de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção visível". Em ambas explicações, é possível ver o papel do pesquisador, sendo ele o responsável pela atenção e interpretação dos sentidos e significado que o objeto tem para os sujeitos, levando em consideração as condições deste sujeito em estudo.

Assim, na abordagem qualitativa, procuramos analisar e interpretar o fenômeno estudado, e isso se deu pela perspectiva dos participantes que partilham um mesmo fenômeno.

Conforme considerado anteriormente, a pesquisa tomou como base os pressupostos da Teoria das Representações Sociais (TRS) que tem como principal teórico Serge Moscovici. Sua teoria traz à tona aspectos comuns do cotidiano. Nossas percepções, ideias e atribuições de mundo são, para o referido autor, respostas a estímulos do ambiente em que vivemos.

> O que nos distingue é a necessidade de avaliar seres e objetos corretamente, de compreender a realidade completamente; e o que distingue o meio ambiente é sua autonomia, sua independência com respeito a nós, ou mesmo, poder-se-ia-dizer, sua indiferença com respeito a nós e a nossas necessidades e desejos. (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 30).

No espaço rural pesquisado, as representações que os adolescentes possuem sobre o consumo de bebidas alcoólicas são constantemente estimuladas

pelas práticas cotidianas da comunidade. Práticas essas que foram sendo consolidadas pelas memórias coletivas construídas no passado, as quais se mantêm presente em nossos dias.

Neste aspecto, utilizamos como instrumentos de coleta de dados o Diário de Campo, usado para anotar os dados coletados do povoado, as conversas com alguns moradores mais antigos do local sobre as bebidas alcoólicas no povoado, seu uso e abuso entre os adolescentes.

Outro instrumento escolhido foi o questionário com questões fechadas para a obtenção dos dados sociodemográficos, e com o intuito de identificar memórias e representações sociais dos adolescentes sobre o objeto pesquisado foram utilizadas questões abertas (APÊNDICE), sendo assim o questionário foi aplicado de modo individual pela pesquisadora com o formato de entrevista gravada e, posteriormente, transcrita. Com base em Cruz Neto (2002, p. 57), concebemos a entrevista "como uma conversa a dois com propósitos bem definidos". Neste formato, foi possível a coleta de dados objetivos e subjetivos. Cruz Neto (2002) explica que os dados subjetivos correspondem aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

Mas nem sempre os entrevistados conseguem nos dizer tudo, em certas situações chegam a esconder alguns componentes dos seus pensamentos. Isso ocorre porque, como nos explica Abric (2005), há dois componentes da representação: uma representação explícita, verbalizada e a outra não verbalizada, não expressa, a chamada zona muda.

A zona muda, nos diz Abric (2005, p. 23):

> [...] não é o recalcado da abordagem psicanalítica. Ela faz parte da consciência dos indivíduos, ela é conhecida por eles, contudo ela não pode ser expressada, porque o indivíduo ou o grupo não quer expressa-la pública ou explicitamente.

Portanto, ela é fundamentalmente determinada pela situação social em que os adolescentes vivem. Neste caso, foi necessário utilizar uma metodologia que buscasse verificar a existência ou não de uma zona muda, caso existisse, descobri-la.

De acordo com Abric (2005), para emergir a zona muda há duas possibilidades: agir sobre o próprio sujeito ou agir sobre o grupo de referência com a finalidade de diminuir as pressões normativas. Aqui partimos do princípio de reduzir

a pressão normativa, assim foi escolhida dentre as técnicas disponíveis, a técnica da substituição. Vejamos pela ilustração no quadro 01 a técnica da substituição utilizada:

Quadro 01 - Técnica de substituição

1ª etapa – responder em seu próprio nome
2ª etapa – responder no lugar dos outros:
(Imagine e diga o que responderiam os outros – segundo sua opinião)
Os outros (a escolher)
- os membros do seu grupo de pertença próxima
- os membros de seu grupo de pertença mais ampla

Fonte: Adaptado de Abric (2005).

Assim, foi realizada uma sequência de 03 perguntas, utilizando a técnica da substituição para identificação da zona muda:

1 O que você pensa das pessoas que consomem bebidas alcoólicas?
2 O que sua família pensa de pessoas que consomem bebidas alcoólicas?
3 O que seus amigos pensam de pessoas que consomem bebidas alcoólicas?

O conteúdo das respostas foi analisado com base nos pressupostos da Análise de Conteúdo proposta por Bardin ([1977] 2006). Para a autora, trata-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, pois descreve os conteúdos das mensagens por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, com a finalidade de interpretá-los. Esta técnica possui diferentes fases, as quais são organizadas em torno de três polos cronológicos: “a pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação” (BARDIN, [1977] 2006, p 95).

Todas essas etapas permitem a descrição das mensagens e das atitudes atreladas ao contexto do enunciado, bem como as inferências sobre os dados coletados. Como assinala Chizzotti (2006), a análise de conteúdo é uma das modalidades de interpretação de textos, que tem como finalidade extrair significados expressos ou latentes de um texto. Assim, descreve o autor:

> [...] a análise de conteúdo visa decompor as unidades léxicas ou temáticas de um texto, codificadas sobre algumas categorias, compostas por indicadores que permitam uma enumeração das

> unidades e, a partir disso, estabelecer inferências generalizadoras (CHIZZOTTI, 2006, p. 113).

No que diz respeito à aplicabilidade, Oliveira (2008) explica que a análise de conteúdo permite:

> O acesso a diversos conteúdos, explícitos ou não, presentes em um texto, sejam eles expressos na axiologia subjacente ao texto analisado; implicação do contexto político nos discursos; exploração da moralidade de dada época; análise das representações sociais sobre determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana seja verbal ou escrita, entre outros (OLIVEIRA, 2008 p. 570).

Neste sentido, ressaltamos como é de fundamental importância para os procedimentos metodológicos a interação do pesquisador com os pesquisados. Para Cruz Neto (2002, p. 62), essa interação nos ajuda a compreender o sujeito em ação, sendo que, através desta compreensão, "somos capazes de entender melhor os aspectos rotineiros, as relevâncias, os conflitos, os rituais [...]" dos entrevistados, levando em consideração que os sujeitos não são simples expectadores do cotidiano.

Portanto, diante de uma perspectiva qualitativa, utilizamos a Análise de Conteúdo de Bardin ([1977] 2006) como recurso metodológico para a definição das categorias e subcategorias de análise. Todo esse percurso feito à luz da TRS com suporte no campo da memória para encontrar respostas aos objetivos deste estudo.

4.1. CAMPO DA PESQUISA

Antes de apresentarmos a delimitação do nosso campo de estudo, optamos por rever algumas características do Estado do Maranhão e do seu espaço rural, no sentido de melhor compreendermos o local em que foi desenvolvida a pesquisa.

O Estado do Maranhão localiza-se na região nordeste do Brasil, ocupando uma área de 331.983,3 km², tendo como limites os Estados do Piauí ao Leste, Tocantins ao sul e sudoeste e Pará ao oeste. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), tem uma população de, aproximadamente, 6.954.036 habitantes em seus 217 municípios. Sua economia tem como uma de suas bases a agricultura com o cultivo da soja, milho, algodão, arroz, mandioca,

abacaxi, melancia, cana-de-açúcar, banana e feijão. Bem como, a criação de gado, concentradas na região norte do estado. O agronegócio é, também, uma das economias do Maranhão, principalmente com o cultivo da soja na região sul do estado.

Quanto à industrialização, no Maranhão, houve a instalação de grandes projetos, como o Distrito Industrial, com minerais, escoando sua produção principalmente pelo porto do Itaqui, na ilha de São Luís que faz conexão com o mercado internacional, fator que contribuiu para a implementação da ALUMAR (Consórcio de Alumínio do Maranhão S.A.), responsável pela transformação da bauxita do Pará em alumina[7] no Maranhão, sendo uma das maiores produtoras no mundo em alumina e a Vale, a maior produtora mundial de ferro, tem a mineração como principal negócio, dois grandes projetos de metalurgia e minérios inseridas no estado (ROLIM FILHO, 2016). Bem como o "Projeto Ferro Carajás, que associou obras de infraestrutura rodoviária, ferroviária (Ferrovia Carajás) e portuária (Porto do Itaqui)" (PEREIRA; CORONEL, 2013, p. 02), que deram maior visibilidade ao estado, tornando-o um polo competitivo para escoamento da produção nacional.

No âmbito tecnológico, foi instalada, no estado, a Base de Lançamentos de Satélites de Alcântara[8]. Este empreendimento que obteve investimentos privados e também públicos recebe duras críticas. Vejamos o que diz o economista Rolim Filho (2016, p 58):

> Este investimento não contribuiu em quase nada para mudança da realidade social da região, pelo contrário, por meio da desapropriação da terra para concessão a Força Aérea Brasileira, removeu e deslocou mais de três centenas de famílias quilombolas que viviam na região há mais de cem anos e, segundo as famílias, sem pagar indenizações ou reparar os danos sociais, culturais, políticos e econômicos a elas.

Como o terreno da base é reivindicada pelos quilombolas, o governo, para resolver a questão, criou em março de 2018, um grupo técnico para elaborar uma proposta de equiparação da questão fundiária e patrimonial.

Quanto aos índices sociais, a mortalidade infantil, em 2010, chegou a 29 mil. O índice de analfabetismo, segundo os dados do IBGE (2010), estima-se em 20,9%,

---

[7]Alumina é a matéria prima básica do alumínio. O alumina por sua vez, é obtido através do refino da bauxita por meio do processo conhecido como, processo Bayer (DA MOTTA, 2007).

[8] É uma área da força área brasileira, que serve de base para o lançamento de foguetes. Esta base também sedia os testes do Veículo lançador de Satélites (VLS).

permanecendo como um dos mais pobres e carentes estados do país, ocupando a penúltima posição no *ranking* nacional de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2013). Conforme o Atlas, no que diz respeito à educação, o Maranhão ocupa a 19º posição entre os Estados da Federação. Estes dados nos servem para entendermos a qualidade de vida do maranhense neste contexto econômico e social.

O Estado do Maranhão possui uma área de 331.936,955 km², como mencionado anteriormente, com cerca de 36,9% de sua população vivendo em áreas rurais. De acordo com o censo, é o Estado com maior população rural do Brasil, o que representa um universo de 2.427.640 pessoas em todo o Estado (IBGE, 2010). A cidade de Marajá do Sena se destaca neste índice por possuir uma população, de acordo com o censo de 2010, de 8.051 moradores e deles 85,6% moram na zona rural.

O estado está dividido em oito territórios: O Território Alto Turi e Gurupi, Baixada Ocidental, Baixo Parnaíba, Campos e Lagos, Cocais, Lençóis Maranhenses Munin, Médio Mearim e Vale do Itapecuru.

O local da pesquisa, a qual denominamos aqui de comunidade Rio, é uma comunidade rural situada na Mesorregião do Centro Maranhense e na Microrregião do Médio Mearim. A microrregião Médio Mearim (MA) abrange uma área de 10.705,261 Km², é composta por 20 municípios: Bacabal, Bernardo do Mearim, Bom Lugar, Esperantinópolis, Igarapé Grande, Lago do Junco, Lago dos Rodrigues, Lago Verde, Lima Campos, Olho d'Água das Cunhãs, Pedreiras, Pio XII, Poção de Pedras, Santo Antônio dos Lopes, São Luís Gonzaga do Maranhão, São Mateus do Maranhão, São Raimundo do Doca Bezerra, São Roberto, Satubinha e Trizidela do Vale. A população total do território é de 679.988 habitantes (IBGE, 2010). O Médio Mearim maranhense possui cerca de 10% de sua população atendida pelo Bolsa Escola[9], programa estadual de transferência de renda a famílias carentes para compra de material escolar. Em todo o Estado cerca de 1 milhão de estudantes são atendidos pelo programa. O valor do repasse é de R$ 51,00 por filho matriculado regularmente em escola pública, conforme a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social – SEDES.

[9] O Bolsa Escola, criado em 2016, é inspirado no programa federal Bolsa Família, porém não limita o número de crianças beneficiadas por família. O programa estadual concede crédito para compra de material escolar a estudantes matriculados na rede pública de ensino, com idades entre 4 a 17 anos, cujas famílias sejam beneficiárias do Bolsa Família (SEDES, 2017).

Figura 1 **- Microrregião do médio mearim**

Fonte: Abreu, 2017.

Esta região foi ocupada nas décadas de 1950 e 60 por consequências de lutas sem trégua entre pecuaristas e os posseiros que plantavam seus roçados familiares. Essa é uma das regiões que recebia um fluxo migratório de camponeses expulsos de locais de colonização antiga e de outros Estados do Nordeste, nas quais se fazia mais violenta a pressão pelo pagamento da renda e do foro (PEDROSA, 1999).

Conforme relatos de alguns moradores da comunidade Rio, a década de 1970 foi o período de ocupação do local com o mesmo histórico do restante da região, expulsos de outras localidades vieram acompanhando um grande fazendeiro, que chamavam de Coronel, se instalaram em terras próximas ao rio da região. Os camponeses que vieram para este espaço plantavam seus roçados e cultivavam o coco babaçu[10], as mulheres geralmente eram as que colhiam e quebravam o coco para a venda e extração do óleo de suas amêndoas.

Com os migrantes, o povoado Rio era local de cultos sincréticos de origem africana, a exemplo da Umbanda[11]. Segundo relato de um dos primeiros moradores do povoado, seu Sebastião, as festas do terreiro duravam mais de uma semana e

[10] *Babaçu, bauaçu, baguaçu, auaçu, aguaçu, guaguaçu* e *oauaçu* e *gebara-uçu* são oriundos do tupi *wawa'su* (FERREIRA, 1986, p. 214). O Estado do Maranhão é responsável por produzir a maior parte da safra de coco babaçu do país (RÊGO; ANDRADE, 2006).

[11] Religião nascida no início do séc. XX, que possui em seus ritos litúrgicos aspectos do catolicismo brasileiro, do espiritismo e do candomblé (SOUZA, 2014).

sempre regadas a cachaça e aguardente, sendo, na época, a mais conhecida do povoado a aguardente chamada Tiquira, bebida comprada de outras localidades do Maranhão que chegava para a venda no povoado.

A Tiquira, originária do Tupi, a palavra *tykir* significa cair gota a gota, é a bebida destilada obtida a partir da sacarificação e fermentação do mosto da mandioca (*Manihot esculenta*, *Crantz*). Herança dos índios amazônicos, tornou-se tradição maranhense, fabricada de modo artesanal e com um alto teor alcoólico (ESTEVANIM, 2008). É uma bebida que chama a atenção por sua coloração. De acordo com Marques (2005), é comum a prática entre os produtores a adição de folhas de tangerina (*Citrus reticulata Blanco*) ao vinho, durante a etapa da destilação, conferindo-a uma cor levemente azulada. Contudo, há algumas Tiquiras que chegam à mesa do consumidor de cor violeta. Ao contrário da Tiquira levemente azulada, a Tiquira violeta não perde sua coloração com o tempo, porque nela é adicionada o cristal violeta, (cloreto de hexametilpararosanilina), um corante alimentício com propriedades antissépticas. Esta prática foi veementemente reprovada por Marques (2005) que, após realizar testes laboratoriais, indicou a repressão pelas autoridades competentes, através do devido esclarecimento da população por ser um composto de intensa ação biológica, cujas consequências para o organismo ainda não estão bem esclarecidas. Sua utilização no povoado Rio era, na maioria das vezes, para homenagear alguma entidade, associando o consumo ao culto da Umbanda. Com o passar do tempo os hábitos mudaram e a cerveja passou a ser a mais vendida e consumida no povoado, de acordo com relatos dos moradores.

Para Faria et al (2010), o aumento do consumo recente da cerveja, de modo especial entre os adolescentes, é associado positivamente a propagandas[12] de bebidas alcoólicas. Para os autores, as propagandas levam os adolescentes a acreditarem em sua veracidade.

Quanto ao número de habitantes, neste ano de 2018, o povoado possui uma população de 589 habitantes,189 domicílios, conforme levantamento do Agente Comunitário de Saúde (ACS) do povoado.

Conforme o crescimento da localidade, diversas modificações foram acontecendo neste espaço. Hoje, o povoado dispõe de um terreiro de Umbanda,

[12] A discussão sobre o consumo da cerveja associada à propaganda é retomada na seção 5, que aborda os resultados desta pesquisa.

sete pontos de vendas de bebidas alcoólicas que em sua maioria são bares que funcionam ao lado da casa do vendedor ou dentro da própria casa de quem as vende, 02 comércios que vendem alimentos não perecíveis e que funcionam de modo informal, ou seja sem a existência do uso de cheque ou cartão de crédito, neste caso o comércio local baseia-se na confiança que possui no comprador no que diz respeito à venda a prazo. Possui também duas igrejas, sendo uma Católica e a outra da Assembleia de Deus. Bem como, um posto de saúde, um campo de futebol, uma cerâmica e uma escola de Educação Básica (Educação Infantil e ensino fundamental do 1º ao 9º ano) que funciona nos turnos matutino e vespertino.

A escola foi o espaço social escolhido para a coleta dos dados. Sendo considerada de pequeno porte, possui quatro salas de aula de aula, uma secretaria onde também funciona a direção escolar, um pátio coberto, uma cantina, dois banheiros: sendo um masculino e o outro feminino. A escola não possui área externa ou outro ambiente que sirva para reunir todos os alunos em atividades educativas, sendo necessário o uso de outros espaços da comunidade, como a igreja.

Embora a escola tenha sempre vigias em todos os turnos e nos finais de semana, o local sofreu vários furtos nos últimos anos. Mesmo com a insegurança, a escola não diminuiu o número de alunos matriculados de um ano para o outro. A matrícula do ano de 2016 foi de 119 alunos, em 2017, ano em que a pesquisa foi aplicada, a escola matriculou 127 alunos dividido entre os turnos matutino e vespertino, descritos na TABELA 01 a seguir:

Tabela 1 - Número de matrícula por turno em 2017

Turno	Educação Infantil	Ensino Fundamental (anos iniciais)	Ensino Fundamental (anos finais)
Matutino	45	--	--
Vespertino	--	50	32

Fonte: Gestor Escolar, 2018.

A TABELA 01 nos apresenta a distribuição de matrícula por turno no ano de 2017. Vejamos que nos anos finais está concentrado o menor número dos matriculados, sendo possível entrevistar 100% dos adolescentes com idade entre 12 a 14 anos, o que correspondeu a 68,7%.

Quanto ao transporte, os moradores utilizam para a saída da comunidade o pau de arara[13], o qual faz linha do povoado Rio à zona urbana, todas as manhãs. Mas há os que ficam à beira da BR na espera por táxi para ir tanto à cidade município da comunidade Rio como para outras cidades da circunvizinhança.

4.2. PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram deste estudo 22 estudantes do 7º ao 9º anos do ensino fundamental, de ambos os sexos, matriculados em uma escola pública da comunidade Rio. Selecionados pelas idades entre 12 a 14 anos. A escolha dos alunos desta faixa etária deu-se por estarem na adolescência, e é nesta fase da vida que, geralmente, as influências ambientais são mais suscetíveis. Seja pela opinião de amigos ou por outras influências sociais, como também pela simples curiosidade natural dos adolescentes.

As características dos pesquisados estão assim distribuídos:

Tabela 2 - Percentual de adolescentes pesquisados por sexo, idade, ano escolar, religião (2017)

Características dos adolescentes pesquisados	**n.**	**%**
SEXO		
Masculino	11	50
Feminino	11	50
IDADE		
12 anos	07	31,8
13 anos	05	22,7
14 anos	10	45.5
ANO ESCOLAR		
7º ano	10	45,5
8º ano	09	40,9
9º ano	03	13,6
RELIGIÃO		
Assembleia de Deus	05	22,7
Católico	09	40,9
Frequentam às duas igrejas	02	9,1
Não frequentam igreja	06	27,3
COM QUEM VIVEM		
Pais	14	63,7
Avó	05	22,7
Outros (Tio, pai, padrasto)	03	13,6

Fonte: elaboração própria, 2018

[13] "Pau de arara é a alcunha dada ao meio de transporte irregular utilizado no Nordeste do Brasil. Incide, essencialmente, na adaptação de caminhões e caminhonetes para o transporte de pessoas, estabelecendo-se como um substituto improvisado para os ônibus convencionais. Habitual para travessia de mercadorias, cargas, animais vivos e passageiros" (SILVA ET AL, 2014, p 107-08).

A soma dos entrevistados, como já mencionado, é de 22 alunos com uma igual proporção masculina (50%) em relação à feminina (50%). Contudo, o percentual de idade apresentou variação, 45,5% dos pesquisados está com 14 anos, 22,7% com 13 anos e 31,8% com 12 anos. Tais percentuais não foram proporcionais ao seu ano escolar. Vejamos que o maior número de entrevistas aconteceram no 7º ano, o que corresponde a 45,5%. Mas à medida que avançamos nos anos escolares, o número de entrevistas foi diminuindo, com 40,9% dos adolescentes estando no 8º ano e somente 13,6% dos entrevistados encontrando-se no 9º ano. Diante disso, foi constatado que a maioria dos alunos com idade de 14 anos não está matriculada no 9º ano, ano que corresponde a sua faixa etária.

No que se refere à religião, há uma predominância de sujeitos que se designam católicos, com 40,9%. O percentual é bem próximo quando comparamos o número de adolescentes que apontam não frequentar nenhuma igreja (27,3%) ao valor aproximado de 22,7% dos que afirmam frequentar a Assembleia de Deus. 02 dos entrevistados declararam participar de ambas igrejas, o que corresponde a 9% dos entrevistados.

Quando questionados sobre com quem convivem durante o período escolar, 63,6% apontam morar com os pais, 22,7% com a avó. 1 dos entrevistados afirma morar com o tio, 1 outro com a mãe e o padrasto e 1 declarou morar com o pai e a avó, totalizando 13,6%.

4.3. TRABALHO DE CAMPO

Sendo o rural maranhense um espaço que está em movimento e que é carregado de transformações na contemporaneidade, no âmbito político, econômico, cultural e/ou ambiental, os sujeitos presentes neste espaço vêm reelaborando suas práticas, seus modos vida e, assim, expressam suas representações resultantes de experiências e relações próprias para com o lugar.

Nesse trabalho, obtivemos um *corpus,* o qual tornou possível as análises das memórias e das representações sociais dos adolescentes sobre o consumo de bebidas alcoólicas, bem como identificou as memórias e as representações sociais partilhadas entre os estudantes sobre a bebida alcoólica, assim como influências dos grupos sociais acerca do consumo de bebidas alcoólicas entre os estudantes.

Como a ida ao campo foi com o uso de um questionário e aplicado em formato de entrevista, como dito na seção anterior, as questões foram colocadas como guias, contendo itens básicos para traçar um perfil dos participantes, o que facilitou a abertura e ampliação da comunicação. Também foram feitas questões que pudessem expressar seus pontos de vistas e suas opiniões.

Na transcrição das respostas foram abolidos erros gramaticais da Língua Portuguesa, porém tomamos o cuidado de preservar o sentido das falas de maneira que seu conteúdo não fosse descaracterizado. Sendo este processo muito importante, pois através dele nos familiarizamos com a fala, ideias e concepções de cada um dos sujeitos entrevistados.

Quanto à observação, estas foram registradas em um Diário de Campo. Este instrumento nos acompanhou em todas a idas à comunidade rural. Nele foram registradas percepções e informações dadas pelos moradores mais antigos do povoado para complementar o material obtido por meio das entrevistas.

A análise do material foi desmembrado em três etapas de acordo com os passos propostos por Bardin ([1977] 2006), para operacionalizar a interpretação dos dados:

- A pré-análise

Nesta etapa transcrevemos todas as vinte e duas entrevistas gravadas pelo celular, constituindo-se o *corpus* da pesquisa. Bem como, as anotações do Diário de Campo, as quais foram organizadas de maneira que facilitassem e complementassem o processo de análise. Feita uma leitura flutuante do material, iniciou-se um processo de codificação dos materiais, os quais possibilitaram identificar cada elemento da amostra para a escolha dos índices ou categorias, os quais surgiram das questões norteadoras, e a organização destes em temas. Os temas que se repetem com muita frequência foram recortados “do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática e de modalidades de codificação para o registro dos dados” (BARDIN, [1977] 2006, p 100).

É importante ressaltar que a escolha dos dados analisados, obedeceram a orientação das seguintes regras propostas pela autora supracitada:

Exaustividade: Com o *corpus* definido, é necessário ter em conta todos os seus elementos; **Representatividade**: “A análise pode efetuar-se numa amostra desde que o material a isso se preste. A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for uma parte representativa do universo inicial” (BARDIN, [1977] 2006, p 97);

Homogeneidade: Os documentos retidos devem ser homogêneos, obedecendo critérios precisos de escolhas; **Pertinência**: “os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo que suscita a análise” (BARDIN, [1977] 2006, p 98).

- A exploração do material

Foi realizada a releitura do material nesta etapa, o qual foi recortado em unidades de registro. As unidades de registro foram formadas pelos parágrafos de cada entrevista, assim como das anotações do Diário de Campo. Desses parágrafos, foram identificadas frases para uma primeira categorização. Segundo Silva e Fossá (2015, p 04), essas primeiras categorias

> [...] são agrupadas de acordo com temas correlatos, e dão origem às categorias iniciais. As categorias iniciais são agrupadas tematicamente, originando as categorias intermediárias e estas últimas também aglutinadas em função da ocorrência dos temas resultam nas categorias finais. Assim, o texto das entrevistas é recortado em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos), agrupadas tematicamente em categorias iniciais, intermediárias e finais, as quais possibilitam as inferências.

Este processo de codificação permitiu-nos uma descrição exata das características pertinentes no conteúdo expresso pelas falas dos entrevistados.

- O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

Com base nos resultados brutos, fomos em busca de torná-los significativos e válidos, indo além dos conteúdos explícitos das entrevistas para alcançarmos o sentido que se encontra por trás do imediatamente respondido.

4.3.1. Síntese do Método

Temos, então, uma tabela com a síntese do método que nos possibilitou a categorização dos dados para inferência e interpretação.

Quadro 02 - Síntese do método

Objetivos	**Unidade de Análise**	**Categorias**	**Subcategorias**
Identificar a memória e as representações sociais partilhadas entre os adolescentes sobre a bebida alcoólica	Questões: (08); (10); (13); (15); (19); (20); (21); (22); (23); (24); (31);	**Memórias e RS sobre a bebida alcoólica**	**Cotidiano**
Identificar as possíveis influências dos grupos sociais acerca do consumo de bebida alcoólica entre os adolescentes	Questões: (02); (03); (04); (05); (06); (07); (09); (11); (12); (16); (17); (18); (25); (26); (27); (28);	**Influência dos grupos sociais**	**Família; Amigos**

Fonte: elaboração própria, 2018

5. O CONSUMO DE BEBIDAS ALCOÓLICAS ENTRE OS ADOLESCENTES

Esta seção foi escrita a partir da entrevista individual, dos registros feitos no Diário de Campo e da técnica da substituição. A organização dos dados do presente estudo foram descritos em tabelas e frases destacadas. Assim, à luz dos pressupostos de Bardin ([1977] 2006), os resultados e discussões estão sendo apresentados sob a forma de duas categorias: **Memória e representações sociais sobre a bebida alcoólica** e **Influência dos grupos sociais**.

5.1. MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A BEBIDA ALCOÓLICA

Para os adolescentes rurais o consumo de bebidas alcoólicas possui diferentes representações sociais, as quais foram ancoradas em suas memórias, entendidas aqui como um fenômeno eminentemente coletivo.

Para falar sobre este consumo, os adolescentes, recorreram às suas recordações de fatos, pessoas e locais.

De acordo com Halbwachs ([1950] 2003, p. 29):

> Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso.

Assim, é provável que as opiniões dos entrevistados, aqui expressas, tenham por base suas vivências, mas também o testemunho de outros.

Desta maneira, o processo de representações sociais dos adolescentes à luz de suas memórias coletivas, deram significado ao fenômeno do uso e abuso da bebidas alcoólicas na comunidade Rio. E isto aconteceu porque suas representações sociais tiveram origem no senso comum, as quais foram convencionadas e partilhadas de maneira geral, aplicadas à vida cotidiana. “[...] Desse modo, não são apenas as regras e convenções que vêm à luz, mas também as “teorias” em que elas estão baseadas e as linguagens que as expressam” (MOSCOVICI, [2000] 2012, p. 93).

Veremos a seguir, as representações dos adolescentes sobre as bebidas alcoólicas construídas através de suas relações cotidianas.

5.1.1. Cotidiano

Questionados, os adolescentes rurais, buscaram atribuir um significado às ocasiões em que presenciam o consumo das bebidas.

De acordo com Moscovici ([2000], 2012), isto acontece porque suas representações buscaram convencionalizar esses ocasiões de consumo.

Vejamos, pois, a tabela 03, com os termos relatados que traduzem as representações dos adolescentes quando presenciam o consumo de bebidas alcoólicas na comunidade. Estes termos são descritos a seguir:

Tabela 3 - O que os adolescentes dizem sobre as ocasiões em que as bebidas são consumidas

Como você se sente nas ocasiões em que as bebidas alcoólicas são consumidas?	**n.**
Normal	31,8
Eu fico triste	22,7
Sinto dó	13,6
Não sinto nada	13,6
Acho feio	4,5
Mal	4,5
Me sinto infeliz	4,5
Envergonhada	4,5

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Para 31,8% dos adolescentes entrevistados, ver outras pessoas consumindo bebidas alcoólicas é para eles uma atitude normal. Um destes adolescentes fez o seguinte relato:

> [...] normal, eu não bebendo... (PARTICIPANTE 02).

A representação que estes adolescentes têm da bebida alcoólica é que seu consumo é algo naturalizado em seu cotidiano. Bertoni (2015) chama-nos a atenção quanto à gravidade dessa situação, no que diz respeito a nos atentarmos à percepção do adolescente em considerar o consumo de bebidas alcoólicas como algo natural. Para a autora, há pais consumidores e também aqueles que não bebem, mas que expõem bebida em sua casa seja para venda ou para convidados, e que muitos possuem a ideia de que a bebida não é tão vilã como se pensa. Esta

naturalidade é passada para muitos adolescentes que consideram absolutamente normal a experiência deles ou dos outros com o álcool.

> Muitos pais nem se preocupam se os filhos bebem demais, há, inclusive, aqueles que os encorajam, como já dissemos. A preocupação é se estão consumindo drogas ilícitas. Isso pode ser um indício de que estão envoltos com a ideia de que a bebida é saudável ou pode tornar a vida melhor, ou ainda, que a bebida não é tão vilã quanto poderiam prever (BERTONI, 2015, p.13).

A mídia, em especial comerciais e novelas, é um outro exemplo de influência para que os adolescentes considerem natural o consumo de bebidas alcoólicas, por meio de cenas de ingestão de bebidas alcoólicas com mensagens alegres, brindes festivos ou até mesmo para “afogar as mágoas”, proporcionam esta naturalidade. Estas cenas são repetidas com frequência na mídia televisiva, tornando seu consumo normal para muitos telespectadores que estão expostos a elas, nos explica Bertoni (2015).

Mas quando se trata dos adolescentes que expressam termos negativos diante dessa situação, temos um percentual de 54,3%. Com relatos que envolvem medo, pena e aversão. Conforme se pode observar nas falas descritas a seguir:

> [...] mal, principalmente vendo meu pai beber. (PARTICIPANTE 01).
> [...] sinto dó das pessoas. (PARTICIPANTE 04).
> [...] se eu ver fico triste. (PARTICIPANTE 06).
> [...] não gosto de ver. (PARTICIPANTE 11).
> [...] acho negativo, feio. (PARTICIPANTE 12).
> [...] tenho é dó. (PARTICIPANTE 13).
> [...] me sinto ruim porque eles brigam e matam pessoas. (PARTICIPANTE 17).
> [...] triste porque as bebidas acabam com as pessoas. (PARTICIPANTE 20).

Sendo assim, percebemos que parte dos adolescentes rurais entrevistados, ao relacionarem o consumo à violência, à morte e aos seus problemas familiares, estão ancorando as informações que possuem sobre a problemática como algo negativo. Nesta perspectiva, podemos dizer que por meio da ancoragem colocam o que é incomum, às imagens do seu cotidiano, do seu contexto familiar.

Contudo, as representações ligadas a algum ruim é proveniente de suas memórias em meio à coletividade, o que pode mudar diante de um possível consumo e se auto perceber. Porque como muitos adolescentes não classificam

bebida alcoólica como droga, cenário que veremos na tabela 04, acham que podem ter o controle sobre ela (FERREIRA, 2015).

Tabela 4 - Opinião sobre o álcool

Você acha que o álcool é uma droga?	**n.**	**%**
Sim	17	77,3
Não	05	22,7
Total	**22**	**100**

Fonte: Elaboração própria, 2018.

A bebida alcoólica é algo tão natural para os entrevistados que ainda encontramos um percentual de 22,7% dos adolescentes que não consideram o álcool como uma droga. Um deles assim manifestou-se:

> [...] para quem sabe beber, não. Agora para quem é viciado ela já é uma droga (PARTICIPANTE 03).

Vejamos que para este entrevistado o álcool para ser uma droga depende do sujeito e que este por sua vez tem que “saber” beber. Diante desta representação, o processo educativo nos parece a melhor maneira de lidar com tal argumento.

Destarte, a escola é um dos campos férteis para a promoção de discussões para o aprendizado sobre o consumo do álcool. Neste espaço, é possível a formação educacional e a execução de programas com estratégias que possam envolver a todos. Contudo, é importante destacarmos que o contexto rural apresenta suas especificidades e não conhece-las, implicará em dificuldades no momento da implementação de propostas que possam vir das diferentes esferas governamentais ou escritas pelo própria escola. Não ouvir os adolescentes sobre suas representações no que diz respeito às bebidas alcoólicas, é estarmos propensos a uma abordagem ineficaz.

Com os resultados obtidos e descritos na tabela 05, encontramos lacunas nos diálogos entre os profissionais da educações e os adolescentes acerca do tema no âmbito escolar.

Tabela 5 - a escola e as informações sobre bebidas alcoólicas

A escola oferece informações a respeito das problemáticas do consumo do álcool?	**n.**	**%**
Sim	05	22,7
Não	15	68,2
Às vezes	02	9,1
Constantemente	00	00
Total	**22**	**100**

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Vejamos que, 68,2% dos alunos afirmou não ter recebido da escola informações sobre bebidas alcoólicas, seus efeitos, abuso e dependência. Nota-se, portanto, a necessidade de repensar as informações que estão sendo repassadas neste âmbito escolar, haja vista uma parcela dos entrevistados desconhecerem tais informes.

Ações eficazes, exige-nos um processo de continuidade e parcerias que diminuam as possibilidades desses adolescentes cederem as ofertas, sejam elas televisivas, de amigos ou familiares para o consumo do álcool.

De acordo com Casela et al (2014, p. 42):

> As ações de prevenção podem se tornar efetivas quando são integradas com outras propostas, possuem uma continuidade e contemplam, nas abordagens educativas, a interface entre a saúde e a educação. Estudos apontam que o desenvolvimento de parcerias entre a escola, a família dos alunos e a comunidade tem apresentado bons resultados.

As falas dos adolescentes da comunidade Rio, descritas a seguir, evidenciam falhas ou até mesmo ausência de ações preventivas que poderiam ser operacionalizadas nas práticas pedagógicas.

> [...] Se eu acho o álcool uma droga? acho que sim, né? (Participante 07).
> [...] Não acho que seja droga (PARTICIPANTE 11).

Nesse sentido, ao repensar suas ações, a escola desta localidade rural poderá ser capaz de promover estratégias que diminuam os fatores de risco ao uso e abuso do álcool nesta localidade.

No que tange à experiência destes adolescentes com bebidas alcoólicas, a tabela 06 nos dá um panorama:

Tabela 6 - Experiência com bebidas alcoólicas

Você já experimentou bebida alcoólica?	**n.**	**%**
Sim	06	27,3
Não	16	72,7
Você atualmente consome bebidas alcoólicas?		
Sim	01	4,5
Não	21	95,5

Fonte: Elaboração própria, 2018

Quando questionados se já experimentaram bebidas alcoólicas, 27,3% confirmou ter provado, sendo que um dos entrevistados teve seu primeiro contato bastante precoce, a partir dos 08 anos de idade.

> [...] eu só provei. Tinha 8 anos, o copo estava ali e eu provei (PARTICIPANTE 09).

Situação similar foi encontrada por Anjos et al (2012) ao pesquisar o perfil do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares no ensino médio em uma cidade do interior da Bahia. Do total de entrevistados, 78% dos estudantes, alvo do referido estudo, afirmou que já havia experimentado bebida alcoólica, 7% informou ter ingerido pela primeira vez quando tinham de 05 a 10 anos de idade.

De modo mais amplo, temos os resultados encontrados pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2015), realizadas com 2,6 milhões de estudantes que cursavam o 9º ano do Ensino Fundamental em 2015, apurou que 55,5% dos estudantes da rede pública e privada já havia consumido uma dose de bebida alcoólica alguma vez, com idade entre 13 a 15 anos de idade.

Quando a utilização do álcool é iniciada de modo precoce, na infância ou na adolescência, o impacto da bebida sobre a neuroquímica cerebral, nos esclarece Silva (2014, p 07), “resultará em pior ajustamento social, retardando o desenvolvimento de suas habilidades e resultando em prejuízos que o acompanharão ao longo da vida”. Estes prejuízos são notados, de modo particular na adolescência, por estarem se reestruturando em termos biológicos, social, pessoal e emocionalmente.

Em nosso estudo, quando questionados se ainda continuam a consumir, 95,5% disse que não. Dentre os que não deram continuidade, temos o relato que descreve seu motivo pautado na proibição familiar:

> [...] não consumo mais. Só bebia quando morava com a mamãe. Bebia escondido, mas meu pai descobriu ai fui morar com ele, e ele não deixa (PARTICIPANTE 02).

Quando questionados sobre os motivos que o levaram a não terem consumido bebidas alcoólicas, os motivos foram desde de não gostar por pensarem no sabor, a bebida como vício[14] ou por conta da pressão familiar e social, vejamos:

> [...] meu pai que proibiu (PARTICIPANTE 02).
> [...] não bebo porque sou de menor e a população vai encher meu saco (PARTICIPANTE 03).
> [...] faz mal (PARTICIPANTE 04).
> [...] para não viciar (PARTICIPANTE 05).
> [...] não gosto (PARTICIPANTE 06).
> [...] vejo coisas ruins quando as pessoas começam a beber (PARTICIPANTE 07).
> [...] não quero porque se experimentar a primeira vez vicia (PARTICIPANTE 09).
> [...] não me sinto bem (PARTICIPANTE 13).
> [...] meus pais não vão deixar (PARTICIPANTE 14).
> [...] porque deve ser ruim beber (PARTICIPANTE 16).
> [...] vicia (PARTICIPANTE 20).

Em meio a estes depoimentos, podemos observar a dimensão moral em paradoxo com o legal, destacamos os participantes 02 e 03, e o participante 14, em suas falas é possível perceber a dimensão moral presentes em suas considerações, quanto ao relato da proibição dos pais que os limitam à ideia de não desagrada-los e quanto à possível repressão da comunidade que o adolescente vê como barreira para o seu consumo no momento. Notamos nestes depoimentos que suas decisões estão pautadas tão somente na punição, e isto pode interferir em suas condutas, tornando-os vulneráveis ao abuso do álcool (LEPRE; MARTINS, 2009).

Percebemos que, em meio às suas falas, a memória construída por estes adolescentes rurais, passou pelos sabores que ouviram dizer em seus convívios, são suas impressões guardadas em suas memórias que se reproduzem exatamente como a ideia que possuem sobre o produto.

> [...] não deve ter gosto bom (PARTICIPANTE 11).

[14] A palavra vicio é dada pelo senso comum para o termo dependência.

[...] acho que é amargo (PARTICIPANTE 18).

De acordo com Halbwachs ([1950] 2003), isso só é possível porque suas memórias permanecem em contato com outros sujeitos com os quais se relacionam em sociedade, as impressões destes estudantes podem ser entendidas como sendo produzidas a partir de uma memória construída no coletivo. Assim, ver outros fazendo “cara feia” ao tomar uma dose de bebida ou conviver com pessoas que tomam a cachaça e que relatam que uma delas possui sabor amargo, produzem nestes adolescentes, lembranças que vão além dos textos informativos que são discutidos em diversos espaços, dentre eles a escola.

Portanto, ao descrever os sabores da bebida, foi necessário recuperar lembranças, passiveis de serem representadas e compartilhas.

Tais lembranças podem ter sido formadas ao estarem presentes nas ocasiões em que as pessoas costumam consumir a bebida alcoólica. Vejamos a tabela 07:

Tabela 07 - Ocasiões em que a bebida é consumida

Em que ocasiões as pessoas bebem em sua comunidade?	**N. de vezes que foi citada**
Nas festas	14
No torneiro de futebol	08
Em casa	01
No bar	01
Na frente da escola	01
Total	**28**

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Segundo relatos dos moradores mais antigos do povoado, descritos no Diário de Campo, na formação do povoado Rio, as festas mais frequentes eram promovidas pela Umbanda, festas que duravam uma semana sempre regada do aguardente Tiquira. A bebida não era fabricada no povoado, mas chegava por meio de viajantes das cidades da circunvizinhança.

Com os anos, o consumo de diversos tipos de bebidas alcoólicas na comunidade cresceu. As festas, que agora ocorrem no povoado, são as mais variadas, as quais podemos citar as atrações de forró, radiola de *reggae*, festejos de Santa Luzia, a padroeira do povoado, que fazem parte da tradição desta comunidade, nelas há sempre a presença e o consumo do álcool entre muitos adolescentes e adultos.

Em uma pesquisa, realizada por Oliveira (2012), sobre o alcoolismo nos assentamentos rurais, ele encontrou uma variedade de regras rígidas na questão do consumo do álcool, e uma dessas regras era a proibição do consumo de bebida alcoólica no acampamento, contudo era liberado o consumo no período do festejo. Quando a bebida alcoólica passa a fazer parte da tradição de um povo, tornando-se importante nas comemorações, dificilmente há regras que iniba ou até mesmo proíba seu consumo.

Quando questionados sobre as pessoas que viam consumir bebidas alcoólicas (tabela 11) e as ocasiões de consumo (tabela 07), constatamos que trata-se de um hábito que ultrapassa gerações, já que o consumo em suas casas, seja pelos pais, irmãos ou avós, ou em casas de vizinhos, e no bar defronte à escola fazem parte de suas rotinas, sendo facilmente elencadas ao fazerem uso de suas lembranças.

Vejamos que dos momentos, os mais citados foram as festas. Muitos já frequentam as chamadas baladas, mas dizem que ficam só um pouquinho. De acordo com a pesquisa realizada por Ferreira (2015), em uma escola do ensino médio do Rio de Janeiro, nos mostra um percentual de 62,1% dos casos em que as experimentações aconteceram em festas e baladas, sendo então, um ambiente para muitos adolescentes um local propício para a sua experimentação.

Outro local citado foi o campo de futebol, tendo o torneiro futebolístico como acontecimento, esta ocasião esportiva, é vista pelos moradores como oportunidade para a venda de bebida alcoólica nas barracas de palhas feitas às margens do campo de futebol. De acordo com o Participante 03, ao término de cada partida os jogadores ainda permanecem para comemorarem a vitória, ou para discutirem sobre a derrota, fazendo uso do álcool.

> [...] eu jogo com eles, quando terminam eu vou embora e eles ficam lá até... (PARTICIPANTE 03).

A promoção do campeonato também é feita tendo como um dos objetivos, o consumo do álcool de maneira socializadora.

> Professora, aqui tem um dono de bar, que também é o dono de um time. Ele convida outros times para um campeonato e com isso, cada time paga o valor correspondente a uma grade de cerveja que são consumidas ao final de cada partida. Cada partida acontece sempre aos finais de semana. No final de cada partida, o time vencedor leva

> as duas grades, como o outro time fica de “bico seco”, eles compram outra caixa que também é logo consumida. O dono do bar e do time, vende estas grades e também coloca um ponto de venda durante as partidas para quem vai assistir ao jogo (PARTICIPANTE 03).

O lazer destes adolescentes se resume à ida ao campo de futebol e para alguns deles, a ida às festas promovidas no povoado.

Como a comunidade fica próxima ao rio, chamam de “banhos” outra forma de se divertirem no povoado, que significa, ir tomar banho no rio, embora não citam durante a entrevista como um das ocasiões em que presenciam o consumo de bebidas alcoólicas, relatam, posteriormente, que estas ocasiões muitos amigos levam bebidas e que no ensejo, muitos provam para saber o sabor, outros consomem por ser um local mais afastados de outros da comunidade.

Outro dado que nos foi apresentado diz respeito às suas memórias e suas representações socialmente construídas sobre a organização de festas sem bebidas alcoólicas. Vejamos a tabela 08:

Tabela 8 - Organização de festas sem bebida alcoólica

É possível organizar uma festa sem bebida alcoólica?	**n.**	**%**
Sim	14	63,3
Não	08	36,7
Total	**22**	**100**

Fonte: Elaboração própria, 2018.

A presença das bebidas alcoólicas nas festividades e atividades esportivas do povoado Rio é comum e quase obrigatória. Quando os alunos foram questionados sobre a possibilidade de organizar uma festa sem bebida alcoólica, vejamos que 36,7% afirma não ser possível organizar uma festa sem o álcool. Em meio aos seus depoimentos, é possível observar suas memórias e representações nesse contexto:

> [...] não. Porque se não tiver a cachaça não tem festa, aqui sempre foi assim. (PARTICIPANTE 01).
> [...] só se nenhum beber, se tiver um que beba aí tem que comprar. (PARTICIPANTE 03).

Sendo essa uma prática que não se restringe somente a esta localidade, atualmente, é comum nos espaços rurais vermos o consumo dos mais diferentes tipos de bebidas alcoólicas, entre as mais diferentes faixas etárias, por ser uma

droga lícita, é mais fácil para ela estar presente na maioria das ocasiões sociais, seu uso é quase obrigatório em momentos comemorativos e esportivos. Como afirma Nascimento (2016, p. 16):

> Alguns indivíduos têm necessidade do consumo de bebidas alcoólicas podendo perceber que este fator tem acompanhado a sociedade há vários séculos, sendo ligadas a sua historicidade pela religião, festas comemorativas, força para trabalho e rituais, tornando assim um habitual em determinado grupo.

Desse modo, em nossa pesquisa vimos que as festas neste espaço rural para serem realizadas precisam ter bebidas alcoólicas, ao menos esta é a representação dos adolescentes pesquisados sobre o evento, pois aceitam a ideia culturalmente construída de que não é possível organizar uma festa sem bebidas alcoólicas e reproduzem esta concepção em uma memória pautada no coletivo.

Durante as entrevistas, os adolescentes relataram que a bebida que eles presenciam sendo a mais consumida em seu meio é a cerveja, sendo citada 13 vezes pelos participantes desta pesquisa, como veremos na tabela 9:

Tabela 9 - Bebidas mais consumidas na presença dos adolescentes

Bebidas alcoólicas	**n. de vezes em que um tipo de bebida foi citada**
Cerveja	13
Pitu	08
51	06
Cachaça	02
Amargosa	01
Vodca	01

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Os resultados nos mostram a cerveja como a bebida mais consumida na presença dos adolescentes, e conforme os entrevistados, os amigos são os principais consumidores em seus convívios, de acordo com a tabela 10 que veremos logo a diante. Este fato comunga com os achados de Mendes et al (2010); Anjos et al (2012) e Neves et al (2015) porque em suas pesquisas a cerveja despontou como a principal bebida consumida pelos adolescentes.

Podemos observar que, a cerveja desponta à frente de outros tipos de bebidas por seu apelo midiático, já que possui uma ampla divulgação comercial, sempre ligada à ideia de coisas positivas, entre elas a descontração.

É neste aspecto de incentivo que Bertoni (2015, p. 11), enfatiza:

> [...] é possível destacar o importante papel que a mídia vem desempenhando para que o consumo seja cada vez mais difundido. Sol, praia, lazer, prazer e “corpos perfeitos” são algumas das atrações utilizadas para o consumo cada vez elevado de bebidas alcoólicas, principalmente de cerveja. Percebe-se que, de maneira particular, estas imagens estão sempre relacionadas à juventude, à virilidade e ao prazer provocado pelo consumo.

Neste caso, a exposição dos adolescentes a essa propagandas, sejam elas televisivas ou por meio das placas com propagandas de cervejas espalhadas pelo povoado, causam influência nestes sobre a bebida. É o que Faria et al (2010), em sua pesquisa sobre **propaganda de álcool e associação ao consumo de cerveja por adolescentes**, constatou, ao identificar que estas propagandas influenciam a própria realidade dos adolescentes por fazê-los acreditar em sua veracidade.

Com exceção da cerveja, a cachaça é a bebida mais citada pelos adolescentes, sendo a mais apontada entre eles a chamada Pitu, uma marca de cachaça industrializada de uma empresa pernambucana que a fabrica e a engarrafa, com uma produção, atualmente, um pouco mais de 2,3 milhões de litros ao ano, é a maior exportadora do país. O nome Pitu faz referência à cana-pitu, um tipo de cana-de-açúcar (CACHAÇA PITÚ, 2018). No povoado, há propagandas da Pitu, “a mania do brasileiro”, espalhados pelos diferentes bares da comunidade, o que pode facilitar o sentimento de familiaridade. Como o consumo, geralmente, alia-se à busca de sensações de poder e de pertença (BERTONI; ADORNI, 2010), a bebida alcoólica nas festividades é vista pelos jovens entrevistados como algo natural, que faz parte do cotidiano da comunidade.

Já a cachaça 51 citada pelos estudantes, foi criada nos anos de 1951 pelos irmãos Picollo, na cidade de Santa Cruz das Almas, interior de São Paulo. À época, a bebida era de alambique, que é obtida pela destilação do mosto fermentado da cana-de-açúcar (SILVA ET AL, 2016). Posteriormente, passou dos engenhos para empresa, a companhia Muller de bebidas, assim, como cachaça industrial, hoje, “é obtida do destilado alcoólico simples, adicionado de açucares e, também, hidratado para chegar à graduação alcoólica estabelecida em lei” (SILVA ET AL, 2016, p 02). A marca 51 produz 250 milhões de litros/ano.

Segundo o Programa Brasileiro de Desenvolvimento da Aguardente de Cana, Caninha ou Cachaça (PBDAC) a produção da cachaça, no Brasil, já atingiu cerca de

1,3 bilhão de litros por ano. É comercializada no país como símbolo da cultura brasileira, desde do século passado. Portanto, o consumo da cachaça com suas diferentes marcas estão presentes nos diversos espaços sociais, dentre eles nos espaços rurais.

Outra bebida citada durante a pesquisa foi a Amargosa, embora tenha sido mencionada apenas uma vez nos chama a atenção pelo nome. Assim, ao utilizar o Diário de Campo, foi possível saber por meio de alguns moradores idosos que a Amargosa trata-se de uma aguardente de cana feita com a adição de raízes amargas, tais como: a jurubeba, a jatobá etc.

Assim como a Tiquira, a Amargosa não é considerada uma cachaça e sim uma aguardente composta porque foram adicionadas ervas ou especiarias à bebida. Para o produto receber o título de cachaça ele deve estar nos parâmetros estabelecidos pelo decreto Federal n. 4.851, de 2/ de outubro de 2003 (BRASIL, 2003), que em seu artigo 92 denomina cachaça como sendo típica e exclusiva da aguardente de cana, com graduação alcoólica de 38 a 48% em volume, a 20ºC, podendo ser adicionada de açúcares até seis gramas por litro, expressos em sacarose, neste caso um destilado de cana-de-açúcar com graduação alcoólica de 49% em volume é uma aguardente de cana-de-açúcar e não uma cachaça.

Posteriormente, para disciplinar a produção e comercialização da aguardente de cana e da cachaça foi baixada a Instrução Normativa n. 13, de 29 de junho de 2005 sobre os padrões de qualidade e identidade. Desse modo, temos a definição de aguardente bem mais genérico que a cachaça, podendo assim, encontrarmos uma grande variedade como a aguardente de frutas, aguardentes de raízes e tubérculos como a mandioca, aguardente da cana de açúcar e do bambu, sendo definida como uma bebida fortemente alcoólica.

A aguardente, por ter diferentes nomes, pode não ter sua definição conhecida pela maioria das pessoas. Assim, facilmente os adolescentes entrevistados citaram diversas aguardentes como sendo cachaça.

A amargosa[15], por seu sabor meio amargo, é para muitos consumidores um medicamento para o corpo. Eles creem que esse sabor amargo diminui o dano que uma outra cachaça poderia provocar em seu fígado.

---

[15] A amargosa artesanal é uma “aguardente misturada à raiz, folha ou casca de angico, umburana, quixabeira, hortelã, quebra-pedra, barbatimão, cidreira [...]”, entre outras (COSTA, 2016, p. 01). A bebida é curtida por alguns dias e só depois consumida.

> Quando acordo de manhã me tremendo, é só tomar uma dose da Amargosa que logo fico bonzinho. (SR. DIMAR, DE 67 ANOS).

A crença da Amargosa como cura está viva no cotidiano da comunidade Rio, tratando-se, portanto, de uma memória coletiva dos indivíduos porque se mantém unidos por lembranças como esta que lhes são particulares.

A Amargosa é comercializada de modo industrial, seu valor no mercado é inferior às marcas 51 e Pitú, anteriormente mencionadas, o que a torna mais acessível aos de baixa renda.

No que diz respeito à vodca, é um tipo de destilado que surgiu no século XV, cujo o nome é de origem russa, *vodka*, que significa o diminutivo de água, ou seja, aguinha. Nos dias atuais, seu sentido está ligado a uma bebida alcoólica forte. As de origem russa possuem um teor alcoólico que varia de 35% a 60%, já as produzidas nas Américas possuem um teor alcoólico, em geral, de 37% (VODKAS, 2018). No Brasil, sua venda em diversas festas é feita como combo, que é a mistura da vodca com alguma bebida energética.

Quando indagados se já compraram algumas destas bebidas, citadas anteriormente, para alguém, 77,3% disse que não, mas o que compraram (22,7%) o fizeram para algum familiar ou amigos.

Vejamos em seus relatos:

> [...] sim, para os jogadores, comprei pitu e 51 para eles tomarem depois do jogo (PARTICIPANTE 03).
> [...] sim, para meu avó beber (PARTICIPANTE 12).
> [...] sim, para os amigos beberem (PARTICIPANTE 14).
> [...] sim, para o papai beber (PARTICIPANTE 15).

Vemos, assim, que a compra da bebida para outrem, é algo que não causa estranheza, tão pouco espanto para os adolescentes nesta comunidade rural.

Quando questionados sobre o incômodo ou não de ter um bar localizado à frente da escola, obtivemos um percentual de 36,7% dos alunos que afirmou não se incomodar, vejamos a tabela:

Tabela 10 - Sobre o bar defronte ao colégio

Incomoda você ter um bar defronte ao colégio?	**n.**	**%**
Sim	14	63,3
Não	08	36,7
Total	**22**	**100**

Fonte: Elaboração própria, 2018

Para oito participantes da pesquisa, o bar não traz nenhum incômodo, e relatam que acham normal. Com exceção de um deles que pontuou:

> [...] não incomoda, mas não acho normal (PARTICIPANTE 08).

À medida em que os alunos frequentam o local, que também é um ponto de venda de lanches, para comprar salgadinho ou esperar na sombra do alpendre do bar o horário dos portões da escola se abrirem, este convívio os conduz a uma familiaridade com o local, no decorrer do ano letivo, o bar passa a fazer parte do seu dia a dia.

Estes sujeitos partilham assim as mesmas explicações, ao tornar familiar o que antes não o era, em seu cotidiano. É nesse sentido, que Santos (2005) menciona a construção das representações sociais, a qual traz na objetivação e na ancoragem, que são os processos através dos quais o que era desconhecido torna-se familiar, a característica que o sujeito possui de naturalizar os elementos.

Em contrapartida, temos um percentual de 63,3% dos alunos que afirmam se incomodar com o referido bar, a maioria cita o barulho, mas há outras justificativas para a não aprovação, vejamos:

> [...] sim. Porque a escola é um lugar que a gente aprende coisas certas e na saída já vemos uma coisa errada (PARTICIPANTE 10).
> [...] sim, já vi adolescentes bebendo lá e é errado (PARTICIPANTE 20).
> [...] sim, porque incentiva os alunos a beberem (PARTICIPANTE 22).

Nas falas que expressam reprovação, o consumo é ligado à prática de uma coisa errada, assim, encontramos como estes adolescentes ancoram suas representações porque estabelecem uma rede de significados em torno do mesmo, nos explica Santos (2005). Neste caso, vejamos que estes adolescentes avaliam a bebida alcoólica e seu consumo em sua faixa etária como um erro, e este fato para

Moscovici ([2000] 2003) implica na ancoragem de suas representações, pois lhes atribuiu sentido e as classificou.

Porém, esta análise acerca das representações sociais destes adolescentes a partir do que expressaram verbalmente e de forma direta, não nos pareceu suficiente. Seguindo os pressupostos dos estudos de Abric (2005), fez-se necessário, pelo fenômeno social investigado, irmos em busca de uma representação não expressa, não verbalizada, denominada, zona muda.

Destarte, para este método, conforme explicitamos anteriormente, há a existência de duas técnicas, para esta pesquisa escolhemos a técnica da substituição, conforme já descrita na seção 4, por se tratar de uma técnica que diminui a pressão normativa sobre os entrevistados, o que tornou possível comprovar a existência de uma zona muda em suas representações.

Assim, seguindo os passos da técnica escolhida, os entrevistados, no primeiro momento, responderam em seu próprio nome e no segundo, no lugar de outras pessoas:

Quadro 03 - 1º momento

1 -o que pensa sobre o consumo de bebidas alcoólicas	**Respostas**
	Coisa ruim Que faz mal Feio

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Neste 1° quadro, estão as palavras que mais se repetiram em suas respostas. Demos continuidade e, no momento seguinte, responderam no lugar do seu grupo de referência.

Quadro 04 - 2º momento

O que seus familiares pensam sobre o consumo de bebidas alcoólicas?	**Respostas**
	Coisas ruins Não sei Não sei responder Buscar uma igreja
O que seus amigos pensam sobre o consumo de bebidas alcoólicas?	**Respostas**
	Bom Divertido

Fonte: elaboração própria, 2018.

Ao diminuirmos a pressão normativa sobre os participantes, permitimo-los que expressem seus pensamentos. Para Abric (2005), isto acontece porque houve a redução dos riscos de julgamento negativo diante de um diálogo. Vejamos no quadro 05 que, mediante à substituição, obtivemos respostas diferentes apontando para outras representações.

Quadro 05 - A zona muda das representações dos adolescentes sobre o consumo de bebidas alcoólicas

NORMAL	SUBSTITUIÇÃO
Coisa ruim Que faz mal Feio Nunca pensei no assunto Vício Tristeza Buscar uma igreja	Bom Divertido Não sei

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Como consideramos anteriormente, com o método empregado, emergiram diferentes representações comparadas com as obtidas através do questionário, na circunstância em que a partir de quem fala, se por si ou pelos outros em situação de substituição.

Para Abric (2005), a zona muda surge em objetos fortemente marcados por valores e normas sociais, neste caso podemos incluir as questões referentes ao consumo de bebidas alcoólicas na adolescência.

No item denominado – **normal**, em que se tem o sujeito falando por si, a presença das normas sociais e religiosas são atuantes. Podemos inferir, então, que a presença dessas normas parecem orientar quais representações seriam as mais adequadas a serem ditas e aceitas. Todavia, ao serem questionados, pondo-se no lugar do outro, no item – **substituição**, as representações que surgem vão de encontro a tais normas, surgindo no fenômeno da zona muda a ideia do consumo ligado a momentos alegres. De pronto, a técnica da substituição abre-nos um campo de investigação nas representações sociais dos adolescentes rurais sobre o consumo de bebidas alcoólicas ligado ao prazer e à diversão, o que corrobora com a tabela 08 na impossibilidade de organizar uma festa sem bebida alcoólica e com a tabela 07, já vista anteriormente, em que associam o local que mais veem as pessoas consumindo bebidas alcoólicas às festas na comunidade.

Na pesquisa intitulada: ***Bebida alcohólica en la adolescencia: el cuidadoeducación como estrategia de acción de la enfermería***, realizada por Mendes et al (2010, p. 161) também foi visto que:

> [...] *los sujetos de esta investigación abordaron de forma natural el hecho de consumir alcohol aún antes de haber completado la mayoría de edad, principalmente, cuando el consumo está asociado a las fiestas.*

Portanto, os dados encontrados por meio da técnica da substituição nos leva à busca por políticas ligadas ao processo educativo, em desmistificar a impressão positiva sobre o consumo de bebidas alcoólicas e a ideia de obrigatoriedade do consumo em comemorações.

5.2. INFLUÊNCIA DOS GRUPOS SOCIAIS

Esta categoria buscou analisar a estreita relação da experiência dos adolescentes com as bebidas alcoólicas e a influência de amigos e família, seja de forma direta ou indiretamente mediante o convívio.

Desse modo, quando questionados sobre os motivos que possuem para consumir as bebidas alcoólicas, vemos claramente a influências de um grupo sobre este sujeito. Assim, vemos sua resposta:

> [...] bebi por causa dos amigos (PARTICIPANTE 15).

Os amigos, neste caso desempenham um papel de influência quanto ao consumo de bebidas alcoólicas. Este dado corrobora com as pesquisas realizadas por Anjos et al (2012); Mendes et al (2010), os quais constataram que, na maior parte dos adolescentes entrevistados, o consumo de bebidas alcoólicas tem a diversão e a companhia dos amigos como principal finalidade.

Para Mendes et al (2010), a busca por uma interação com um grupo é uma preocupação para os adolescentes, dessa forma, tal preocupação é capaz de influenciar suas atitudes e é neste caso que a bebida entra como facilitadora desta interação social.

Um dos entrevistados nos chama a atenção por relatar que embora não tenha experimentado, a bebida já foi ofertada a ele:

[...] não, mas me ofereceram (PARTICIPANTE 13).

Este adolescente tem, atualmente 14 anos e segundo seu depoimento, cresceu vendo a venda de bebidas alcoólicas em sua casa, o que era comum diferentes pessoas oferecem o que chamou de um “golinho”. Os pais são donos de um dos bares no povoado Rio.

5.2.1. Família e amigos

Quando questionados sobre quem são essas pessoas que eles veem consumindo as bebidas alcoólicas vejamos que os amigos são os mais citados, vindo em seguida por seus familiares. Destacamos que os números informados nesta tabela correspondem à quantidade de vezes que as pessoas foram citadas nas respostas.

Tabela 11 - As pessoas mais vistas pelos adolescentes consumindo bebidas alcoólicas

Quem são as pessoas que mais veem consumindo bebidas alcoólicas?	**n. de vezes que foi citado**
Amigos	10
Familiares (pai, tio, avô e irmã)	08
Vizinhos	05
Conhecidos	02
Os idosos	02
Desconhecidos	01
Total	**28**

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Estar em contato com amigos ou algum familiar nos momentos em que estes consomem bebidas alcoólicas é prejudicial ao adolescentes porque ficam vulneráveis à possibilidade de um convite para o consumo. De acordo com Anjos et al (2012, p. 27), “o convite de amigos, e até mesmo dos próprios pais [...], podem desencadear o processo de curiosidade dos adolescentes em experimentar algo novo para eles: o álcool.”

Para Mendes et al (2010, p. 160):

> *Partiendo del presupuesto que el primer proceso de socialización que el niño vive se da en el ámbito familiar, es interesante destacar que el consumo de bebidas alcohólicas es común entre los familiares de los*

> *de los grupos investigados. Es necesario recordar que la familia es la principal responsable de la orientación y educación de los jóvenes, acompañándolos en sus hábitos de vida.*

O papel da escola é primordial ao alertar os pais destes adolescentes sobre a convivência familiar e modos de vida saudáveis. As discussões e debates no âmbito escolar acerca do consumo de bebidas alcoólicas pode ser um estímulo à promoção à saúde do escolar, dos familiares e daqueles que estão nos seus convívios.

Por fim, a importância de saber com que frequência seus pais bebem, está assim distribuído:

Tabela 12 - Regularidade do consumo entre os pais

Os seus pais consomem bebidas alcoólicas com que frequência?	**n.**	**%**
Bebem com regularidade	14	63,6
Raramente bebem	02	9,1
Não bebem bebidas alcoólicas	06	27,3
Total	**22**	**100**

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Dos entrevistados, 63,6% respondeu que seus pais bebem regularmente. Assim, o sentido que esses adolescentes possuem diante do consumo de bebidas alcoólicas pode ser o reflexo do convívio diário com amigos e famílias que consomem diferentes tipos de bebidas nos mais diferentes espaços da comunidade.

Para Bergson ([1896] 1999), a percepção do sujeito, neste caso, os adolescentes do espaço rural, é medida por suas ações. Achar normal as ocasiões em que a bebida é consumida na comunidade, o bar defronte à escola e a inviabilidade de se fazer uma festa sem álcool, demonstram atitudes positivas de aceitação diante do consumo de bebidas alcoólicas.

No que diz respeito aos pais, esta regularidade em consumir bebidas alcoólicas pelo olhar de Bergson ([1896] 1999), podemos dizer que trata-se da constituição de uma memória-hábito, porque é através da repetição da ação que se produz os mecanismos motores, isto é, o hábito. Uma vez construídos, a memória que reelabora o passado no presente é estimulada, e os mecanismos motores entram em ação. Do ponto de vista biológico, a dependência pode desenvolver-se por atos repetidos de consumo, mas não é o caso de nossas análises aqui. O que tentamos demonstrar é que a naturalização do consumo de bebidas alcoólicas

perpassa por processos atrelados à memória e às representações sociais que são disseminados em nosso grupos de pertença. Ainda insistimos que os processos educativos, entendidos aqui como processos amplos de socialização, podem colaborar tanto no desencadeamento do hábito do consumo de bebidas alcoólicas como apontar caminhos para a prevenção de seus abusos e prejuízos individuais e sociais.

6. CONCLUSÃO

O estudo sobre o consumo de bebidas alcoólicas: memórias e representações sociais de adolescentes de uma comunidade rural maranhense, foi realizado à luz da Teoria da Representações Sociais postulada por Moscovici ([2000] 2012), tendo como aporte teórico, o conceito de memória a partir de Maurice Halbwachs ([1950] 2003). O que nos possibilitou entendermos o quão se faz necessário dar voz aos sujeitos desta pesquisa, mediante à complexidade que cerca o fenômeno do consumo de bebidas alcoólicas, de modo especial, entre adolescentes rurais.

Diante do tema proposto, ficou evidente a presença das bebidas alcoólicas no cotidiano dos sujeitos pesquisados, seja por suas práticas, as quais foram verbalizadas, seja pelas práticas dos familiares, dos amigos ou pelos momentos festivos e de lazer que os adolescentes participam.

Ao seguirmos o método proposto por Bardin ([1977] 2006), dividimos os resultados do estudo e os apresentamos sob a forma de duas categorias: memória e representações sociais sobre a bebida alcoólica e influência dos grupos sociais.

Na primeira categoria, ao fazermos uso da Teoria das Representações Sociais, emergiram aspectos simbólicos que determinaram suas condutas, práticas e comportamentos. Estes aspectos simbólicos versaram sobre o consumo de bebidas alcoólicas como algo natural, ao presenciarem seus amigos, familiares ou estarem diante de uma mídia que passa a mensagem de alegria, diversão e sociabilidade (o que confirmou nossa hipótese inicial). E isto é preocupante porque este contexto constitui seu sistema de referência para a condução de suas atitudes e tomadas de decisões.

Mediante a discussão em torno da memória coletiva, identificamos entres os adolescentes, valores e representações construídas, sejam elas, positivas ou negativas acerca do consumo do álcool ao rememorarem suas percepções. Isto foi importante porque ao fazerem uso de suas memórias, relembraram os sabores das bebidas que ouviram dizer em seus convívios, os torneios de futebol com a presença da venda e consumo do álcool, as festas no povoado que sempre são realizadas com o consumo da cachaça e que ressaltam que no povoado sempre foi assim: se não tiver cachaça não tem festa, nos revelaram relações cotidianas com o álcool.

Ainda nesta categoria, é possível afirmar que os adolescentes vêm consumindo bebidas alcoólicas em idade mais precoce, tornando maior sua vulnerabilidade por não possuírem informações suficientes sobre o álcool e terem fácil acesso à substância. No âmbito escolar, os fatores de risco estão ligados à disponibilidade do álcool na região, assim como também, de informações inconsistentes com relação a bebida alcoólica como droga.

Somado a isso, a zona muda das representações sociais mostrou-se útil diante desta pesquisa sobre o consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes rurais. Diminuímos a pressão normativa sobre o sujeito ao aplicarmos a técnica da substituição e assim, descobrimos a existência dessa zona muda em suas representações. Voltamos a ressaltar que não se trata de algo inconsciente, mas de algo consciente que não pode ser expressado por apresentar um caráter contra normativo. Dessa maneira, concluímos que, durante a entrevista, houve momentos em que os sujeitos buscaram passar uma imagem positiva de si, ao falarem que só provaram, que hoje não bebem mais. Em situação de substituição, os sujeitos evocaram termos como: bom e divertido, o que antes era visto como coisa ruim. Assim, emergiram diferentes representações sobre o mesmo fenômeno, agora associadas ao prazer e à diversão.

Portanto, os dados encontrados por meio da técnica da substituição nos dão pistas de que as políticas que devem ser adotadas com adolescentes, neste espaço rural, diante do consumo de bebidas alcoólicas perpassam pelo processo educativo, a fim de reconhecerem o álcool como droga que pode causar dependência física e/ou psíquica. Bem como, em desmistificar a impressão positiva que os adolescentes possuem sobre o consumo de bebidas alcoólicas e a ideia de obrigatoriedade do consumo em comemorações.

No que diz respeito ao lazer na comunidade Rio, para os adolescentes pesquisados, este está associado a festas e baladas e, neste caso, são locais propícios para experimentarem bebidas alcoólicas. O campo de futebol, em que as práticas esportivas seguem sem nenhuma orientação socioeducativa quanto à proibição da venda de bebidas para menores de dezoito anos e quanto à prática do consumo pelos expectadores durante as partidas ao lado das crianças e adolescentes que lá estão. O momento esportivo, neste caso, tornou-se um mau exemplo para os adolescentes desta comunidade.

Neste sentido, o lazer está sempre atrelado ao consumo do álcool. Isso acontece porque existe uma relação entre memórias, representações sociais e o consumo do álcool nesta comunidade rural, ligados aos momentos de diversão, alegria e à companhia dos amigos. Confirmando o que havíamos encontrado na zona muda das representações, citado anteriormente, sobre a percepção positiva diante do consumo do álcool.

A segunda categoria nos permitiu identificar a influência dos grupos sociais acerca do consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes rurais. O estudo desvelou que há uma estreita relação do consumo do álcool pelos adolescentes e a influência dos amigos que oferecem a bebida nas mais diversas ocasiões, dos pais que bebem na presença destes adolescentes ou que vendem estas bebidas em sua casa.

Como afirmamos durante as análises e aqui reiteramos, esta influência perpassa pelo processo de naturalização do consumo que está ligado à memória e às representações sociais que são amplamente conhecido em nossos grupos de pertença. Isto revela que estes adolescentes não estão em condições diferentes dos adolescentes do meio urbano, os quais, conforme literatura, recebem influência dos amigos para um consumo cada vez mais cedo.

Encontramos limitações no que diz respeito aos dados que melhor caracterize o espaço investigado, como o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, número de beneficiários do Bolsa Família, do Bolsa Escola, renda familiar, ocupação segundo gênero, grau do escolaridade entre homens e mulheres do povoado, dentre outras informações. Estes dados não puderam ser repassados pela Secretaria de Assistência Social que nos informou que tais dados são coletados no geral, ou seja, como a cidade é dividida por região, a secretaria possui dados únicos de toda a região que compõe mais de oito povoados, entre eles a comunidade Rio. No *site* do IBGE a busca findou-se em encontrar dados de um espaço rural de toda a cidade em que fica o povoado investigado, desse modo, optamos por citar no estudo somente dados coletados do povoado em que residem os participantes da pesquisa.

Deste modo, o que podemos concluir com a realização do estudo é que a educação, não só no espaço escolar mas também nele, é o viés que deve ser adotado entres os adolescentes rurais sobre do consumo de bebidas alcoólicas. Mas, para que o processo educativo tenha êxito, é necessário que a escola atente-

se às representações dos adolescentes quando eles fazem uso de suas memórias diante do consumo do álcool no espaço rural.

Como prevenção neste cenário, apontamos a necessidade da promoção de uma política educativa processual quanto ao uso e abuso do álcool a ser fomentado para toda comunidade escolar, desconstruindo a ideia do consumo como algo normal, natural, que apresenta pouco perigo porque muitos não considerarem uma droga.

Por meio de projetos ou programas de prevenção, a escola com seu projeto político pedagógico, teria estratégias pedagógicas para envolver toda comunidade rural, levando em consideração o uso de propagandas ao seu favor para divulgação e disseminação de todas as informações. Dessa forma, as pessoas envolvidas teriam a possibilidade de refletir sobre seu modo de vida, suas crenças e valores diante do consumo das mais diferentes bebidas alcoólicas, o que contribuiria para a construção de novos hábitos entre seus familiares, amigos e grupos de pertença.

Tais políticas devem levar em consideração as menores faixas etárias, para que haja uma maior possibilidade destes escolares realizarem uma melhor escolha diante dos convites ao consumo de bebidas alcoólicas, na medida em que conhecerão os riscos deste consumo e todas as suas implicações.

Por fim, vimos por meio deste estudo, a necessidade de estender a investigação no âmbito rural a todos os atores que fazem parte do convívio com os adolescentes: pais, escola, outros grupos de pertença, dando visibilidade às várias opiniões e aos diversos aspectos que envolvem o tema, mas sabemos que este é tema para outras pesquisas...

REFERÊNCIAS

A ARTE DA CACHAÇA (CASCA DE PAU NA FEITURA E NA BEBERANÇA). Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/5511587>. Acesso em: 18 jun. 2018.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1981.

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Imagem do Médio Mearim**. Disponível em:<Image:Maranhao MesoMicroMunicip.svg> acesso em: 06 de setembro de 2017.

ABRIC, Jean-Claude. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Coyoacán, 2001.

____. A zona muda das representações sociais. In: OLIVEIRA, Denize Cristina de; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. (org.). **Representações sociais** – uma teoria sem fronteira. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

ACIDENTES DE TRÂNSITO. Disponível em:< http://www.transitobr.com.br/index2.php?id_conteudo=9> acesso em: 24 ago. 2017.

ALBA, Martha de. Representações sociais e memória coletiva; uma releitura. In. Ângela Maria de Oliveira Almeida; Maria de Fátima de Souza Santos; Zeidi Araújo Trindade (org). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2014.

ANDRADE, Tarcísio Matos; ESPINHEIRA, Carlos Geraldo D'Andrea. - **A presença das bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas na cultura brasileira.** In SUPERA- Sistema para detecção do uso abusivo e dependência de substâncias psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento. Modulo 1: O uso de substancias psicoativas no Brasil: epidemiologia, legislação, políticas públicas e fatores culturais. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2008.

ANJOS, Karla Ferraz dos; SANTOS, Vanessa Cruz; ALMEIDA, Obertal da Silva. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes. **Rev.Saúde.Com** 2012; 8(2): 20-31. Disponível em: <www.uesb.br/revista/Rsc/ojs/index.php/rsc/article/download/168/199>. Acesso em: 01 abr. 2018.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL 2013. **Classificação das unidades da federação por IDHM – 2010.** Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/ranking>. Acesso em: 03 ago. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4ª ed. Lisboa: Ed. 70; 2006.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória***:* ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERTONI, Luci Mara; SANTOS, Rosângela, Vasconcelos Raimundo. Alcoolismo e meio rural. Revista **GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXVIII, n. 1, p. 98-113, Jan./Jun. 2017. ISSN: 2318-2695.

BERTONI, Luci Mara. **Se beber não dirija**: representações, juventude e publicidade de bebidas alcoólicas. Campinas - SP: Librum; Vitória da Conquista - BA: Edições UESB, 2015.

_____. Reflexões sobre a História do Alcoolismo. Revista **Hispeci & Lema Bebedouro** – SP: Unifafibe, 2006.

BERTONI, Luci Mara; ADORNI, Dulcinéia da Silva. A prevenção às drogas como garantia do direito à vida e à saúde: uma interface com a educação. **Cad**. **Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 81, p. 209-217, mai.-ago. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n81/a06v3081.pdf> Acesso em: 24 jan. 2018.

BOLSA FAMÍLIA. **Ministério do Desenvolvimento Social**, 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia/o-que-e/como-funciona>. Acesso em: 27 abr. 2018.

BRASIL. **Código de Trânsito Brasileiro** – CTB – LEI Nº 9.503, DE 23 DE SETEMBRO DE 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9503.htm>. Acesso em: 22 out. 2017.

_____. Decreto n. 4.851, de 2 de outubro de 2003. Altera dispositivos do Regulamento aprovado pelo Decreto nº 2.314, de 4 de setembro de 1997, que **dispõe sobre a padronização, a classificação, o registro, a inspeção, a produção e a fiscalização de bebidas**. DOU, Brasília 2003.

_____. Ministério da Agricultura. Instrução Normativa de nº 13, de 29 de junho de 2005. **Aprova o Regulamento Técnico para Fixação dos Padrões de Identidade e Qualidade para Aguardente de Cana e para Cachaça**. DOU, Brasília, 2006.

BRÊTAS, José Roberto da Silva; MORENO, Rafael Souza, EUGÊNIO, Daniella Soares; SALA, Danila Cristina Paquier; VIEIRA, Thais Fernanda; BRUNO, Priscila Rabelo. Os rituais de passagem segundo adolescentes. **Acta Paul Enferm,** 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n3/04.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

CACHAÇA PITÚ. A história da Pitú. **Cachaça Pitú**, 2018. Disponível em: <http://www.pitu.com.br/sobre-historia>. Acesso em: 24 jan. 2018

CARNEIRO, Henrique. **As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX**. 2002. Disponível em: <http://www.neip.info/textos_pesquisadores.htm>. Acesso em: 29 jun. 2017.

_____. **Bebidas alcoólicas e outras drogas na época moderna.** Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII. Historiador Eletrônico, 2004. Disponível em: < <http://www.neip.info/downloads/t_henrique_historia.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2017.

_____. **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas**: histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas. RJ: Elsevier, 2005.

CASELA, Ana Luísa Marliére; MONTEIRO, Érika Pizziolo; FREITAS, Jéssica Verônica Tibúrcio; SILVEIRA, Pollyanna Santos da. As práticas de prevenção ao uso de drogas no Brasil. In. RONZANI, Telmo Mota; SILVEIRA, Pollyanna Santos da. (org). **Prevenção ao uso do álcool e outras drogas no contexto escolar.** Juiz de Fora. Ed UFJF, 2014.

CENTRO BRASILEIRO DE DROGAS PSICOTRÓPICAS. [CEBRID]. **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes de Ensino Fundamental e Médio das Redes Públicas e Privadas de Ensino nas 27 capitais brasileiras**. Brasília: SENAD, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, Suely Ferreira (org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DADOS SOBRE O MÉDIO MEARIM. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social **(Sedes)**. Disponível em: <http://www.sedes.ma.gov.br/2017/02/16/bolsa-escola-atende-mais-de-78-mil-criancas-na-regiao-do-medio-mearim/>. Acesso: 25 ago. 2017.

DA MOTTA, Maurício; SILVA FILHO, Ernesto; ALVES, Maria Cristina. Lama vermelha da indústria de beneficiamento de alumina: produção, características, disposição e aplicações alternativas. **Revista Matéria,** v. 12, n. 2, pp. 322–338, 2007

DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1990.

DURKHEIM, Émile. Representações Individuais e Representações Coletivas. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1970.

ESCOHOTADO, Antonio. **Aprendiendo de las drogas**. Anagrama, Barcelona, 1995.

ESTEVANIM, Mayanna. A cachaça como produto da cultura maranhense. **REVISTA CAMBIASSU.** Publicação Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - ISSN 0102-3853. São Luís - MA, Ano XVIII, Nº 4 – jan.- dez. 2008

FARIA, Roberta; VENDRAME, Alan; SILVA, Rebeca; PINSKY, Ilana. Propaganda de álcool e associação ao consumo de cerveja por adolescentes. **Rev Saúde Pública,** 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/2011nahead/1827.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2018.

FENTRESS, Jamiesmn; WICKHAM, Chis. **Memorial social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa: Teorema, 1992.

FERREIRA, Ângela Duarte Damasceno. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**. 2002/n. 15.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Vinícius dos Santos. **Ações preventivas ao consumo de álcool na percepção dos adolescentes**: contribuições para a enfermagem. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro Escola de Enfermagem Anna Nery / Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Rio de Janeiro, 2015.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **Agricultura de Subsistência.** Brasil Escola. Disponível em <http://brasilescola.uol.com.br/geografia/agricultura-subsistencia.htm>. Acesso em: 17 fev. 2018.

GARATTONI, Bruno. **Dez mil anos de pileque** – a história da bebida, setembro, 2008. Disponível em:<http://super.abril.com.br/saude/dez-mil-anos-pileque-historia-bebida-447717.shtml>. Acesso em: 1 jul. 2017.

GRISA, Cátia; SCHNEIDER, Sergio. Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. In: SILVA, Carolina Braz de Castilho e; SCHNEIDER, Sergio. **Pobreza rural e o Programa Bolsa Família – desafios para o desenvolvimento rural no Brasil.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

_____. Políticas públicas de desenvolvimento rural no Brasil. In: DELGADO, C. Delgado. **Previdência social e desenvolvimento rural.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

JOVCHELOVITCH & Sandra GUARESCHI, Pedrinho (Orgs.). **Textos em Representações Sociais.** 13. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

INSTITUTO AVANTE BRASIL. **Mortes no trânsito:** Brasil é o 4º do mundo. Disponível em: <https://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/113704460/mortes-no-transito-brasil-e-o-4-do-mundo>. Acesso em: 23 mar. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. [IBGE]. **Atlas do espaço rural brasileiro.** IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94413.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2017.

_____**.** Projeto regiões rurais 2015: relatório técnico. **IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94413.pdf>. Acesso em 22 jul. 2017.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: _____ (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LAMARCHE, Hugues. **Rural et Agriculture ou l'histoire d'un impossible divorce**. Paris, 2000.

LAPATE, Vagner. **Hora Zero**: a independência das drogas –antes que os problemas cheguem. São Paulo: Scortecci, 2001.

LARANJEIRA, Ronaldo; PINSKY, Ilana. **O Alcoolismo**. 6 ed. São Paulo: Contexto 2000.

LEPRE, Rita. Melissa; MARTINS, Raul. Aragão. Raciocínio moral e uso abusivo de bebidas alcoólicas por adolescentes. **Paidéia**, 19(42): 39-45. jan.-abr. 2009. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n42/06.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2018.

MARQUES, Aldaléa Brandes; SANTOS, Geraldino da Silva; MARQUES, Edmar Pereira; SILVA, Hildo Antônio dos Santos; BEZERRA, Cícero Wellington Brito. Identificação e quantificação do cristal violeta em aguardentes de mandioca (tiquira). **Quim. Nova**, Vol. 28, No. 4, 583-586, 2005.

MENDES, Lívia Rodrigues; TEIXEIRA, Maria Luiza de Oliveira; FERREIRA, Márcia de Assunção. Bebida alcohólica en la adolescencia: el cuidado educación como estrategia de acción de la enfermería. **Esc Anna Nery**. 2010. jan/mar; 14(1):158-64. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/v14n1a23.pdf. Acesso em: 08 abr. 2018.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza; et al. Relatos de mulheres em uso prejudicial de bebidas alcoólicas. Pesquisa Research – investigación. **Esc Anna Nery** (impr) 2011 jul-set; 15 (3): 567 – 572.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Petrópolis: Vozes, 2012.

MUNIZ, Lenir Moraes. **Pescar e despescar**: uma análise do cotidiano da pesca artesanal praticada por um grupo de pescadores em Penalva- MA /—São Luís, 2016. 237 p. Tese (Doutorado) –Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2016.

NASCIMENTO, Tito Lívio Ribeiro Gomes do. **Ingressantes universitários**: o consumo de álcool, a educação em saúde e suas representações sociais. Jequié, 2016. 82 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de pós – graduação em Enfermagem e Saúde, 2016.

OLIVEIRA, Denize Cristina. Análise de Conteúdo Temático Categorial: Uma proposta de sistematização. **Rev. Enferm**. UERJ, Rio de Janeiro, 2008 out/ dez; 16(4):569-76.

OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de**.** Alcoolismo: um problema social em assentamentos rurais. **Revista Espaço Acadêmico** – Nº 134 – julho de 2012. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/15046/9466>. Acesso em 23 jan. 2018.

PBDAC – Programa Brasileiro de Desenvolvimento da Aguardente e Cana, Caninha e Cachaça. (www.abrabe.org.br). Disponível em: <http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/cana-de-acucar/arvore/CONT000fiog1ob502wyiv80z4s473agi63ul.html> Acesso em: 26 jan. 2018.

PEDROSA, Luís Antônio Câmara. **A luta pela terra no Maranhão**. São Luís, UFMA/MPP, 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 1999. Disponível em: <http://abda.com.br/texto/LuisACPedrosa.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2017.

PERALTA, Elsa. **Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha critica.** Arquivos da Memória: Antropologia, Escala e Memória. n. 2. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2007.

PEREIRA, Maria Rosilvada da Silva; CORONEL, Daniel Arruda. **A industrialização no estado do maranhão**: uma análise do plano estratégico de Desenvolvimento Industrial. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2013. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anaiseixo4desigualdadessociaisepoliticaspublicas/pdf/aindustrializacaonoestadodomaranhao.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2018.

PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE ESCOLAR. [PeNSE]. **PeNSE 2015**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2018.

QUEIROZ NETO, Exzolvildres; PIANA, Madeleine; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. Faces do Brasil: múltiplas dimensões de ruralidades. CAMPO-TERRITÓRIO: **revista de geografia agrária**, v. 6, n. 11, p. 131-160, fev. 2011.

RÊGO, Josoaldo Lima; ANDRADE Maristela de Paula. História de mulheres: breve comentário sobre o território e a identidade das quebradeiras de coco babaçu no maranhão. **Agrária**, São Paulo, Nº 3, pp. 47-57, 2006.

ROLIM FILHO, Claudiomar Matias. **Formação econômica do maranhão**: de província próspera a estado mais pobre da federação. O que deu tão errado? 2016. 112 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

ROZIN, Leandro; ZAGONEL. Ivete P. S. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. **Acta Paul Enfermagem**, v. 25, p. 314-18, 2012.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998

_____. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **O conhecimento do cotidiano.** São Paulo/SP: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Felipa Raquel Cartaxo dos. **Legislação e álcool**. Opiniões e contradições. Dissertação (mestrado) em Saúde Pública apresentado à FMUC, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. A teoria das representações sociais. In: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Leda Maria. **Diálogo com a teoria da representação social**. Recife: EDUFPE, 2005.

SCHOLZE, Alessandro Rolim; ZANATTA, Luiz Fabiano; BRÊTAS, José Roberto da Silva. Dados sobre o consumo de álcool entre a juventude rural: Uma Constatação de Ausências. **REVISTA CONTEXTO & SAÚDE** IJUÍ EDITORA UNIJUÍ v. 15 n. 29 JUL./DEZ. 2015 p. 63-68 <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/download/4251/4729.> Acesso em: 21 jul. 2017.

SCIVOLETTO, Sandra. Abuso e dependência de drogas. In: Maria Ignez Saito; Luiz Eduardo Vargas da Silva. (Org.). **Adolescência prevenção e risco**. 2ed.São Paulo: Editora Atheneu, v. 59, 2003.

SOUZA, Fabíola Amaral Tomé de. A Umbanda brasileira e a desconstrução de uma memória coletiva africana. **Rev. Hist**. UEG -Anápolis, v.3, n.1, p. 143-162, jan./jun. 2014. Disponível em: >http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/viewFile/2108/1874>. Acesso em: 07 set. 2017.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. Revista **Graphos**, vol. 16, n° 1, 2014 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536 1.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s** Revista Eletrônica ISSN 1677 4280 Vol.17. No 1 (2015).

SILVA, Daiane Elisa da. A ingestão de álcool na adolescência e suas consequências neuronais: o papel do educador nesse contexto. Revista **AcadêmicaLicencia&acturas**. Ivoti, v. 2, n. 1, p. 07-15. Jan/jun. 2014.

SILVA, Ivo Luís Oliveira; PEREIRA, Glecy Anne Castro; MAPURUNGA, Gláudia Mota Portela. Pau de Arara e o vai e vém das romarias: um estudo etnográfico do

transporte no município de Canindé – Ceará. **CENÁRIO**, Brasília, V.2, n.2 | 103 – 120 | Set. 2014 |. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/10603>. Acesso em: 07 set. 2017.

SILVA, Leandro; ROCHA, Luís; LIMA, Ivis; & SANTOS, Gilnei. Cachaça de Minas e desenvolvimento rural: uma análise do cooperativismo como impulso para o agronegócio. Revista da **UIIPS**, v. 4, n. 4 (2016)

SIMÕES, Júlio Assis. Prefácio. In: LABATE, Beatriz Caiuby Labate ... [et al.], (orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.

STRASBURGER, Victor C. **Os adolescentes e a mídia: impacto psicológico**. Trad. Deyse Batista. Porto Alegre: Arte Médicas Sul, 1999.

VODKAS. **Produção da vodka**. Disponível em: <http://www.vodkas.com.br/vodka_producao.html>. Acesso em: 08 abr. 2018.

WAGNER, Wolfgan. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, Antônia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. (Org.). **Estudos interdisciplinares em Representações Sociais**. Goiânia: AB, 1998.

APÊNDICE

Questionário para coletas de dados relativos a pesquisa intitulada: “Consumo de bebidas alcoólicas: memórias e representações sociais de estudantes de uma comunidade rural maranhense”

Idade: ____ Sexo____ Ano escolar_____ Religião_____

1) Com quem vive durante o período escolar:
( ) Pais
( ) Familiares
( ) Amigos
( )Sozinho (a)

2) Os seus Pais:
( ) Bebem com regularidade bebidas alcoólicas
( ) Raramente bebem bebidas alcoólicas
( ) Não bebem bebidas alcoólicas

3) Você vê com frequência as pessoas consumindo bebidas alcoólicas?
( ) sim ( ) não

4) Quais bebidas?

_____

_____

_____

5) Quem são essas pessoas?

_____

_____

_____

_____

6) Em que ocasiões (momento) as pessoas bebem em sua comunidade?

7) Já presenciou ocasiões em que a bebida alcoólica é consumida na sua comunidade? Quais?

8) Como você se sente nessas ocasiões em que a bebida alcoólica é consumida?

9) Já comprou bebida alcoólica para alguém?
( ) sim ( ) não
10) Você já experimentou bebida alcoólica:
( ) sim ( ) não
Se sim, quantos anos tinha?

10) Com quem estava quando experimentou pela 1ª vez?
( ) Pais ( ) amigos
( ) Outros. Quem?
( ) Nunca consumi
Sujeito 01: Nunca consumi

11) Onde você estava quando experimentou bebida alcoólica pela primeira vez?
( ) em casa ( ) bares/danceterias/ boate
( ) casa de amigos/conhecidos ( ) não lembro
( ) nunca consumi

12) Você usa bebida alcoólica:
( ) às vezes

( ) finais de semana

( ) todos os dias

( ) não consumo

13) Você já tomou bebida alcoólica até se embriagar (“porre”)?

( )sim ( ) não

Se sim; Por que?

( ) estava numa festa ( ) para acompanhar os amigos

( ) porque me ofereceram ( ) para esquecer os problemas

( ) não quero responder

14) Das seguintes bebidas alcoólicas qual bebe com maior frequência?

( ) Vinho

( ) Vodca

( ) Whisky

( ) Cerveja

( ) Pinga

( ) Outra. Qual? _____

( ) Nenhuma. Não bebo

15)De certa forma já se sentiu obrigado (a) a ingerir bebida alcoólica em um evento?

( ) Sim ( ) Não

16) Consumiu ou consome álcool em festas ou eventos sociais?

( ) Sim ( ) Não

17) Se respondeu, sim, em que situações?

( ) Aniversários

( ) Casamentos

( ) Festas juninas

( )campeonato futebolístico

( )Outro. Qual? _____

18) É possível organizar uma festa sem bebidas alcoólicas?

_____

_____

19) O que você pensa das pessoas que consomem bebidas alcoólicas?

_____

_____

20) O que sua família pensa de pessoas que consomem bebidas alcoólicas?

_____

_____

21) O que seus amigos pensam de pessoas que consomem bebidas?

_____

_____

22) Quais motivos levam vocês a beber (ou a não beber)?

_____

_____

23) Você acha que o álcool é uma droga?

_____

_____

24) Você mantém diálogo com seus pais sobre consumo de álcool?
( ) Sim ( ) Nenhum

25) Há algum membro da sua família com problemas relacionados ao uso de álcool ou outras drogas?

26) A escola oferece informações a respeito das problemáticas do consumo do álcool?
( ) Sim ( ) Não ( ) A vezes ( ) Constantemente

27) Em caso afirmativo, como a escola oferece estas informações?

( ) Durante as aulas

( ) Palestras

( ) Projetos

( ) outro. Qual? _____

28) Já frequentou as aulas embriagado?

( ) sim ( ) Não

29) Já faltou alguma aula por estar embriagado?

( ) Sim ( ) Não

30) Incomoda você ter um bar defronte ao colégio?

_____

_____

_____

Outras informações:

_____

_____

_____